

Governo de Estado do Acre  
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Série Cadernos de Orientação Curricular

Orientações Curriculares  
para o Ensino Fundamental

CADERNO 1 - **Educação Física**



Rio Branco - Acre  
2010

Governador do Estado do Acre  
Binho Marques  
Secretária de Estado de Educação  
Maria Corrêa da Silva  
Diretor de Ensino  
Josenir de Araújo Calixto  
Gerente Pedagógica de Ensino Fundamental  
Francisca Bezerra da Silva

Governo do Acre  
Secretaria de Estado de Educação  
Rua Rio Grande do Sul, 1907 - Aeroporto Velho  
CEP: 69903-420  
Tel. (068) 3213 - 2355 - Fax: (068) 3213 - 2355  
Email: [ensinofundamental.educacao@ac.gov.br](mailto:ensinofundamental.educacao@ac.gov.br)

# Série Cadernos de Orientação Curricular

## Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental

### CADERNO 1 - Educação Física

Rio Branco - Acre  
2010

## Professores do Acre,

As Orientações Curriculares ora apresentadas constituem uma importante ferramenta para a organização do trabalho do professor. A Secretaria de Estado de Educação tem tido como premissa nesses últimos doze anos assegurar que cada um dos nossos alunos tenha a aprendizagem adequada à sua série. Para isso, é fundamental que a escola e o professor tenham clareza do que deve ser ensinado em cada um dos componentes curriculares e em cada série.

Esta Orientação Curricular busca fomentar a construção de uma nova escola e de uma nova sala de aula, em que o aluno assuma um papel de construtor do conhecimento e o professor o de grande articulador dos caminhos que levam à aprendizagem.

Essa decisão exige de todos nós professores, coordenadores, diretores e gestores do sistema a tomada da difícil decisão de aprender a aprender. Será difícil porque teremos que revisitar a nossa história, as nossas crenças e convicções e traçar um modelo de gestão de sala de aula, de escola e de sistema pautado pela incerteza.

Temos a convicção de que a escola deste novo milênio deverá assegurar o domínio dos conhecimentos científicos, a formação de habilidades e de atitudes que possibilitem aos alunos resolver os seus problemas.

Desejo que estas Orientações Curriculares sejam experimentadas, criticadas e reelaboradas como estratégias para a reorganização do trabalho escolar e que o conhecimento científico e as experiências dos diferentes atores sociais envolvidos sirvam como ponto de partida para a construção desse novo fazer nas nossas escolas.

Maria Corrêa da Silva  
*Secretária de Estado de Educação*

# Sumário

## Apresentação

## Introdução

O papel da escola hoje

Os adolescentes e jovens ‘adotados’ como alunos

Os propósitos da Educação Básica nestes tempos que vivemos

Do que falamos quando falamos em objetivos, conteúdos e atividades?

Uma nota sobre conceitos de avaliação

Breves considerações sobre os temas transversais ao currículo

O lugar da História e da Cultura Afro-Brasileira na educação escolar

## Referências Curriculares

Breves considerações sobre o ensino de Educação Física

Contribuições à formação dos alunos

Educação Física e as outras áreas curriculares

Algumas considerações sobre a avaliação em Educação Física

Objetivos do ensino

Referências Curriculares: Objetivos, Conteúdos, Propostas de Atividade e Formas de Avaliação

## Sugestões de materiais de apoio

## Bibliografia

Todos terão direito a receber educação.

Todos terão direito a uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-los a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se útil na sociedade.

**Texto baseado na Declaração Nacional dos Direitos da Criança**

# Apresentação

## Cadernos para o professor

Esta publicação integra a Série Cadernos de Orientação Curricular, que reúne subsídios para o trabalho pedagógico com as diferentes áreas curriculares, e é destinada aos professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de todas as escolas públicas do Acre.

Em 2008 e 2009, foram elaborados subsídios semelhantes para os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que vêm se constituindo em importantes referências para o planejamento pedagógico nas escolas. E, para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, foi elaborada recentemente a publicação Planejamento Escolar - Compromisso com a aprendizagem, um texto complementar importante, com enfoque nas questões de avaliação, planejamento e intervenção pedagógica e com alguns tópicos coincidentes com o conteúdo deste Caderno.

A finalidade dessas publicações é apoiar as equipes escolares no processo de concretização do currículo - um currículo que assegure a melhor aprendizagem possível para todos os alunos, razão de ser da educação escolar e de tudo o que se faz nos sistemas de ensino. Também por essa razão, há um processo de formação de professores em curso, cujo conteúdo principal são as Orientações Curriculares ora propostas, que são desdobramentos, atualizados, dos Parâmetros e Referenciais Curriculares elaborados anteriormente.

Em relação a este material, é importante não perder de vista que, por mais flexível que seja, toda proposta curricular estabelece, ainda que de modo geral, quais são as conquistas esperadas progressivamente a cada ano de escolaridade, tendo em conta o que foi estabelecido nos anos anteriores. Assim, tomar como referência o que preveem os quadros com as orientações curriculares deste Caderno pressupõe avaliar os conhecimentos prévios e o processo de aprendizagem dos alunos, tanto porque esse tipo de avaliação é um princípio pedagógico como porque é condição para ajustar as expectativas, os conteúdos e as atividades especificadas. Considerar o que está indicado em cada quadro, de cada uma das áreas curriculares, implica considerar também o fato de que os alunos não necessariamente terão os saberes previstos se, nos anos anteriores, o trabalho pedagógico se orientou por outros pressupostos e por outros indicadores.

A iniciativa de, neste momento, apresentar esses subsídios para os professores acrianos é, como toda iniciativa na área educacional, decorrente de uma análise da situação atual, dos desafios hoje colocados e de uma concepção sobre o papel do professor na educação escolar. O propósito central é contribuir com os professores dos anos finais do Ensino Fundamental de todo o Estado do Acre na importante tarefa de ensinar a todos.

Equipe de Elaboração da Série Cadernos de Orientação Curricular

## Introdução

Nesta Introdução são abordadas questões relacionadas à função social da escola, os propósitos Educação Básica, como desdobramentos, e alguns caminhos para alcançá-los, seguidos de algumas considerações importantes sobre objetivos, conteúdos e atividades de aprendizagem e de avaliação.

### O papel da escola hoje

Hoje, talvez mais do que nunca, há um compromisso ético e pedagógico que não podemos deixar de assumir com as crianças e jovens que são alunos das nossas escolas: oferecer todas as possibilidades que estiverem ao nosso alcance para que eles conquistem o conhecimento sobre as ‘coisas do mundo’, interessá-los com propostas desafiadoras e significativas, incentivá-los a procurar respostas para suas próprias questões, mostrar que as suas descobertas intelectuais e suas idéias têm importância, encorajá-los a darem valor ao que pensam, potencializar a curiosidade em relação às diferentes áreas do conhecimento, familiarizando-os - desde pequenos e progressivamente - com as questões da linguagem, da matemática, da física, da biologia, da química, da tecnologia, da arte, da cultura, da filosofia, da história, da vida social, do mundo complexo em que vivemos.

Do ponto de vista pedagógico, o desafio, portanto, é propor boas situações de ensino e aprendizagem, ou seja, situações que de fato levem em conta as hipóteses e os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que pretendemos que eles aprendam e que lhes coloquem novos desafios. Assim estaremos cumprindo uma tarefa essencial da educação escolar: favorecer um contato amistoso de todos com o conhecimento nas diferentes áreas desde pequenos. Ou, em outras palavras, alimentar os alunos...

A esse respeito, é importante dizer que o professor e lingüista Egon de Oliveira Rangel presenteou-nos, recentemente, com uma explicação belíssima sobre o sentido da palavra ‘aluno’ e sobre essa condição, nem sempre bem-entendida, em que crianças, jovens e adultos são colocados na escola. Ao referir-se à recente história da educação em nosso país, comentando duas perspectivas opostas (uma, a que chama de *tradicional*, dominada por preocupações praticamente exclusivas com o que e como ensinar, e outra, muito diferente - e com a qual nos identificamos - em que a aprendizagem, ou melhor, o que já sabemos a respeito dela, comanda o ensino), recupera a história e desloca o aluno para o lugar de sujeito:

*Circulou por muito tempo, entre os educadores, uma versão fantasiosa da etimologia de **aluno** que atribuía a essa palavra de origem latina a composição **a-lumnus**. O primeiro componente, **a-**, seria um prefixo com significado de ‘privação; e o segundo seria uma das formas da palavra **lumen/luminis** (luz). Assim, **alumnus** significaria ‘sem-luzes’. Entretanto, **alumnus** origina-se não de **lumen**, mas de um antigo particípio de **alere** (alimentar), e significava ‘criança de peito’, ‘criança que se dá para criar’ (RANGEL: 2000).*

E, aliando-se aos que defendem a centralidade do aluno no processo pedagógico - que tem como metáfora e como razão de ser *alimentar as crianças (e jovens)* que foram *adotadas* pela escola -, o autor acrescenta:



*Atentos aos movimentos, estratégias e processos típicos do aprendiz numa determinada fase de sua trajetória e num certo contexto histórico e social, há os educadores que procuram organizar situações e estratégias de ensino o mais possível compatíveis e adequadas. Nesse sentido, o esforço empregado no planejamento do ensino e na seleção e desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas pertinentes acaba tomando o processo de aprendizagem como princípio metodológico de base.*

Tal como indicam os propósitos apresentados mais adiante, a tarefa política e pedagógica, na Educação Básica, é tornar a escola, de fato, um espaço-tempo de desenvolvimento integral dos alunos, de ampliação dos processos de letramento, de múltiplas aprendizagens, de aquisição do conhecimento considerado necessário hoje e de convívio fecundo entre eles. Nossa tarefa, metaforicamente falando, é ‘alimentá-los’, o que significa garantir:

- acesso aos saberes, práticas e experiências culturais relevantes para o desenvolvimento integral de todos, ou seja, para o desenvolvimento de suas diferentes capacidades - cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de relacionamento pessoal e de inserção social;
- experiências, conhecimentos e saberes necessários para que possam progressivamente participar da vida social como cidadãos;
- desenvolvimento da personalidade, pensamento crítico, solidariedade social e juízo moral, contribuindo para que sejam cada vez mais capazes de conhecer e transformar (quando for o caso) a si mesmos e ao mundo em que vivem;
- domínio das ferramentas necessárias para continuar aprendendo para além da escola.

Para tanto, no que isso diz respeito à proposta curricular (que é apenas um dos muitos aspectos em jogo), há diferentes níveis de concretização, conforme indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

*Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem o primeiro nível de concretização curricular. São uma referência nacional, estabelecem uma meta educacional (...) Têm como função subsidiar a elaboração ou a revisão curricular dos Estados e Municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna às escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.*

*(...) O segundo nível de concretização diz respeito às propostas curriculares dos Estados e Municípios. Apesar de apresentar uma estrutura curricular completa, os Parâmetros Curriculares Nacionais são abertos e flexíveis, uma vez que, por sua natureza, exigem adaptações para a construção do currículo de uma Secretaria ou mesmo de uma escola. Também pela sua natureza, eles não se impõem como uma diretriz obrigatória: o que se pretende é que ocorram adaptações através do diálogo entre estes documentos e as práticas já existentes, desde as definições dos objetivos até as orientações didáticas para a manutenção de um todo coerente.*

*O terceiro nível de concretização refere-se à elaboração da proposta curricular de cada instituição escolar, contextualizada na discussão de seu projeto educativo. Entende-se por projeto educativo a expressão da identidade de cada escola em um processo dinâmico de discussão, reflexão e elaboração contínua. Esse processo deve contar com a participação de toda equipe pedagógica, buscando um comprometimento de todos com o trabalho realizado, com os propósitos discutidos e com a adequação de tal projeto às características sociais e culturais da realidade em que a escola está inserida. É no âmbito do projeto educativo que professores e equipe pedagógica discutem e organizam os objetivos, conteúdos e critérios de avaliação para cada ciclo.*

*Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as propostas das Secretarias devem ser vistos como materiais que subsidiarão a escola na constituição de sua proposta educacional mais geral, num processo de interlocução em que se compartilham e explicitam os valores e propósitos que orientam o trabalho educacional que se quer desenvolver e o estabelecimento do currículo capaz de atender às reais necessidades dos alunos.*

*O quarto nível de concretização curricular é o momento da realização da programação das atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula. É quando o professor, segundo as metas estabelecidas na fase de concretização anterior, faz sua programação, adequando-a àquele grupo específico de alunos. A programação deve garantir uma distribuição planejada de aulas, distribuição dos conteúdos segundo um cronograma referencial, definição das orientações didáticas prioritárias, seleção do material a ser utilizado, planejamento de projetos e sua execução. Apesar da responsabilidade ser essencialmente de cada professor, é fundamental que esta seja compartilhada com a equipe da escola através da co-responsabilidade estabelecida no projeto educativo.*

A perspectiva, agora, em se tratando da proposta atual para o Estado do Acre, é desenvolver uma parceria 'experiente' para apoiar as escolas na efetivação do terceiro nível de concretização do currículo, ou seja, na definição dos desdobramentos, do que está previsto nos documentos curriculares existentes, em algo que se assemelhe a um plano geral de ensino específico da disciplina - a que chamaremos aqui de quadro curricular. Desse modo, entendemos que será possível contribuir para a consolidação dos propósitos especificados mais adiante e, conseqüentemente, com a melhor aprendizagem possível para os alunos das séries mais avançadas da Educação Básica.

## Os adolescentes e jovens 'adotados' como alunos

A instituição escolar só poderá cumprir com a tarefa social de garantir acesso e permanência do aluno na escola, qualidade de sua aprendizagem e desenvolvimento das capacidades que contribuam para sua formação como pessoa se souber minimamente 'quem é' esse aluno - tendo em conta os processos de construção do conhecimento, de socialização, de constituição da identidade, de construção de projetos de vida, de interação com o mundo em que vive. Avançar na compreensão de como se dão esses processos é um desafio necessário.

Em condições ideais, a faixa etária dos alunos do 5o ao 9o ano seria a de 11 a 14 anos, caracterizada como pré-adolescência e adolescência e, no Ensino Médio, de 15 a 17 anos, final da adolescência. No entanto, em função da acentuada defasagem idade-série, característica da escola brasileira hoje, nessa etapa da escolaridade há alunos mais velhos - o percentual de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental com idade acima da correspondente à série é superior a 60% e a isso se soma uma grande variação de faixa etária, sobretudo nas séries mais avançadas e nos cursos noturnos. Por isso, atualmente o universo de alunos, não só do Ensino Médio, mas também do 5o ao 9o ano, pode ser caracterizado como juvenil, uma vez que a noção de juventude inclui tanto os mais novos como os mais velhos.

Uma reflexão sobre quem é, afinal, o aluno a quem a educação escolar se destina exige, entretanto, ir além das características etárias mais elementares: é preciso considerar especialmente os aspectos de ordem cognitiva e sociocultural. Não pode ignorar as singularidades da população juvenil que frequenta a escola, sob risco de não ser possível mediar adequadamente o processo de construção de conhecimento e de cidadania de seus alunos.

Infelizmente, ainda hoje não há conhecimento suficiente sobre a juventude no Brasil - o que existe diz respeito sobretudo a jovens dos grandes centros urbanos, o que não dá conta da

diversidade que caracteriza essa fase da vida: quase nada se sabe, por exemplo, sobre a vivência juvenil no meio rural.

Considerando uma mesma faixa de idade, o que se verifica é que geralmente são bem diferentes os adolescentes e jovens que vivem em famílias de classe média ou de camadas mais populares, em um grande centro urbano ou no meio rural, com maior ou menor acesso aos bens culturais, à informação, ao conhecimento. Além disso, apesar de todas as transformações físicas próprias da juventude, esta é um fenômeno social e não há definições rígidas de início e fim: isso é algo que depende do momento histórico, do contexto social e da própria trajetória familiar e individual de cada um.

Em qualquer caso, entretanto, a sociabilidade ocupa um lugar central na vida dos adolescentes e jovens: o grupo de amigos constitui-se em um espaço importantíssimo de convívio e busca de respostas para as inquietações, preocupações, dúvidas. É nesse espaço, entre iguais, que eles podem vivenciar novas experiências, criar símbolos de identificação e laços de solidariedade, meios próprios para realizar descobertas (sobre o mundo e sobre si mesmos) necessárias à constituição da própria identidade e dos projetos de vida.

Entretanto, nem sempre as peculiaridades desse momento da vida têm sido consideradas em sua real importância, porque a concepção predominante tanto na sociedade como na escola tem o foco no futuro, no que será preciso para "a vida que virá". Isso faz com que as necessidades do agora, as potencialidades e os valores que devem ser privilegiados na formação dos adolescentes e jovens para se situarem em relação ao mundo, a si mesmo e aos outros, na fase da vida em que estão, nem sempre sejam levadas em conta.

A possibilidade da escola se constituir de fato em um espaço privilegiado de construção de referências para os alunos, em um espaço efetivamente formativo, depende do conhecimento que conseguir obter sobre como se dá o seu processo de constituição da identidade. Não se pode perder de vista, por exemplo, que particularmente os adolescentes e jovens dos setores populares vêm sendo socializados no interior de uma cultura da violência, marcada por discriminação e estereótipos socialmente construídos, que tende a produzir uma identidade influenciada pelo sentimento de inferioridade. Essa cultura está presente em diferentes instâncias da sociedade, inclusive na escola, e acaba por prejudicar o desenvolvimento pleno de cada um.

Também é importante considerar que a identidade não deve ser restrita à dimensão de auto-imagem individual ou grupal. Não é apenas a pergunta 'quem sou eu?' que os jovens procuram responder enquanto experimentam expressões de identidade, mas também 'por onde e para onde vou?'. A identidade individual e coletiva de alguma forma interfere na invenção de caminhos para a vida a partir do presente e requer a construção de um conjunto de valores relacionados a estas questões existenciais nucleares para todo indivíduo: quem eu sou, quem eu quero ser, o que quero para mim e para a sociedade. Isso exige uma busca de autoconhecimento, compreensão da realidade e do lugar social em que se está inserido.

Todo jovem, de um jeito ou de outro, tem projetos que são fruto de suas escolhas, conscientes ou não, bem como de suas condições afetivas e das oportunidades oferecidas (ou não) socialmente. Essas escolhas são ancoradas em uma avaliação da realidade, seja ela qual for, conforme as possibilidades de compreensão que cada um tenha de si mesmo e do contexto em que está inserido. Os projetos de vida não dizem respeito apenas a um futuro distante, mas, ao contrário, implicam um posicionamento do jovem no presente, em relação ao meio social e ao contexto em que vive, tendo em conta os recursos que encontra para lidar com o seu cotidiano. Podem ser individuais e/ou coletivos, mais amplos ou restritos, com perspectiva de curto ou médio prazo. De qualquer modo, tendem a ser dinâmicos, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios adolescentes e jovens e/ou conforme as mudanças no campo das possibilidades que estão dadas ou que são conquistadas.

Em relação aos adolescentes e jovens mais pobres, é importante considerar que, nesse caso, às inseguranças da própria condição juvenil somam-se as dificuldades de sobrevivência e também,

não raro, os efeitos de uma baixa auto-estima produzida pelas discriminações que geralmente sofrem. Esse conjunto de adversidades tende a dificultar a constituição de projetos que afirmem a dignidade. Como instituição pública e educacional que é, a escola pode desempenhar um importante papel para melhorar a auto-estima desses alunos e contribuir não só para o seu desenvolvimento como pessoa e como estudante, mas também para a construção de referências para seus projetos de vida.

## Propósitos da Educação Básica nestes tempos em que vivemos

O que aqui se apresenta são compromissos necessários para favorecer a ampliação progressiva de capacidades, conhecimentos, saberes e experiências que se pretende que os alunos conquistem na escola.

Quais são os propósitos?

- Oferecer aos alunos um conjunto de conhecimentos, saberes e práticas relevantes, definido a partir de diferentes ciências e outros campos da cultura, assim como promover a compreensão do caráter histórico, público, coletivo e mutante desses tipos de conhecimento.
- Consolidar contextos institucionais apoiados nos valores de liberdade, tolerância, igualdade, verdade, justiça, solidariedade e paz, e promover a reflexão do sentido desses valores em contextos particulares.
- Contribuir para que os alunos desenvolvam o sentido de pertencimento social e cívico-político.
- Favorecer o desenvolvimento de atitudes favoráveis de cuidado consigo mesmo e com os outros, a partir do conhecimento de práticas construtivas e de zelo com a saúde.
- Criar oportunidades para que os alunos conheçam e valorizem o patrimônio natural e cultural da cidade e do país, tomando-os como temas de estudo em diferentes áreas curriculares e incluindo nas propostas didáticas o acesso ao patrimônio artístico, arquitetônico, recreativo, informativo e de serviços da cidade/região.
- Desenvolver propostas que, partindo do reconhecimento das situações de desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos, assegurem aprendizagens fundamentais e enriqueçam a perspectiva universal da cultura a que todos alunos têm direito, sem desqualificar ou desconsiderar suas referências pessoais, familiares e culturais.
- Garantir o direito de expressão do pensamento e das ideias dos alunos, mesmo que divergentes das posições do professor e dos colegas, e o exercício de discutir diferentes pontos de vista, acolher e considerar as opiniões dos outros, de defender e fundamentar as próprias opiniões e de modificá-las quando for o caso.
- Fazer de cada sala de aula um ambiente de trabalho colaborativo, para que os alunos possam enfrentar os desafios colocados, sabendo que o erro faz parte do processo de aprendizagem e que contam com apoio para darem o melhor de si.
- Estimular e ajudar os alunos a se comprometerem com sua própria aprendizagem, confiarem em seus recursos pessoais e em suas possibilidades e desenvolverem uma adequada postura de estudante.
- Promover o respeito e a valorização das atividades escolares e a prática de hábitos de estudo e trabalho, criando condições para que os alunos façam escolhas em relação às formas de trabalho, administração do tempo, atividades a serem desenvolvidas e áreas de conhecimento a aprofundar.

- Planejar instâncias que permitam aos alunos avaliar suas próprias tarefas e dos demais colegas, bem como o percurso pessoal de aprendizagem, dispondo de informações sobre o ponto em que se encontram em relação às expectativas de alcance, para poderem analisar seus avanços e suas dificuldades.
- Preservar, ao longo da escolaridade, a continuidade da experiência escolar dos alunos, identificando prioridades e estabelecendo critérios para a inclusão de diferentes projetos que enriqueçam o trabalho pedagógico.
- Equilibrar as propostas de trabalho individual e grupal, enfatizando, em todos os casos, a necessidade e importância de compromisso com a própria aprendizagem e com a cooperação entre os pares.
- Garantir a participação dos alunos no planejamento, realização e avaliação de projetos a curto, médio e longo prazo.
- Constituir normas adequadas para a convivência, o trabalho escolar, o cuidado com os materiais, equipamentos e espaços comuns, zelando para que essas normas sejam efetivamente cumpridas, com as ajudas que se fizerem necessárias.
- Criar instâncias apropriadas, quando necessário, para o debate de insatisfações, reivindicações e divergências, utilizando a discussão fraterna - e dispositivos deliberativos, se for o caso - como forma de encontrar respostas para situações de conflito, tendo em conta diferentes alternativas e as respectivas conseqüências.
- Contribuir para que os alunos assumam responsabilidades e participem das decisões coletivas, aceitando os riscos e aprendendo a partir dos erros cometidos.
- Planejar propostas específicas, relacionadas aos temas em estudo, e aproveitar situações cotidianas e acontecimentos ocasionais oportunos, para ajudar os alunos a compreenderem as implicações de diferentes posições éticas e morais.
- Organizar os tempos e espaços de trabalho que favoreçam o melhor desenvolvimento possível das propostas.
- Promover situações que incentivem a participação dos alunos em atividades comunitárias e que lhes permitam compreender as problemáticas que afetam os diferentes grupos de pessoas, comprometendo-os com propostas que extrapolem os limites da sala de aula e 'ganhem a rua': campanhas na comunidade, correspondência com os meios de comunicação emitindo opinião sobre problemas que lhes preocupam, intercâmbio com outras instituições etc.
- Criar contextos - projetos, atividades de comunicação real, situações de publicação dos escritos - que evidenciem as produções dos alunos e justifiquem a necessidade da escrita correta e da adequada apresentação final dos textos.
- Elaborar e desenvolver um amplo programa de leitura na escola, articulando todas as propostas em andamento e outras consideradas necessárias, ações que envolvam intercâmbio com os familiares e uso dos recursos disponíveis na comunidade, de modo a constituir uma ampla rede de leitores que se estenda para além do espaço escolar.
- Garantir o acesso permanente dos alunos a diferentes portadores de texto, gêneros textuais, situações de leitura e escrita e propósitos sociais que caracterizam essas práticas.
- Preservar o sentido que têm as práticas de leitura e escrita fora da escola, buscando a máxima coincidência possível entre os objetivos de ensino destas práticas na escola e os seus objetivos sociais, ou seja, utilizando todo o conhecimento pedagógico para não 'escolarizá-las'.
- Criar oportunidades para que os alunos conheçam e usem tecnologias de informação e comunicação e que desfrutem de todos os meios de acesso ao conhecimento e bens

culturais disponíveis, como bibliotecas, museus, centros de cultura e lazer, videotecas etc.

- Assegurar que os alunos possam exercer os seus direitos de leitores, escritores e estudantes das diferentes áreas do conhecimento. Ou seja, como leitores, podem fazer antecipações quando leem, formular interpretações próprias e verificar sua validade, perguntar o que não sabem, questionar as intenções do autor, emitir opinião sobre o assunto lido, criticar as mensagens de que é destinatário direto ou indireto. Como escritores, devem produzir textos que façam sentido, em situações de comunicação real, com tempo suficiente para escrever e revisar conforme a necessidade, podendo solicitar ajuda quando preciso e elegendo leitores para analisar a qualidade dos próprios textos. Como estudantes das diferentes áreas do conhecimento, podem expressar suas hipóteses e seus saberes sobre qualquer assunto, recebendo ajuda para fazê-lo e para avançar em seu processo de compreensão.
- Priorizar metodologias pautadas no trabalho com hipóteses, conjecturas ou suposições que os alunos possam testar, validar ou refutar, experimentando diferentes formas de pensar, aprender e se expressar.
- Considerar os indicadores das provas externas como uma demanda contextual necessária, a serem tomados como referência na organização do trabalho pedagógico, mas não como 'a' razão da educação escolar, porque a função social da escola não pode, em hipótese alguma, se confundir com a tarefa exclusiva de preparar os alunos para 'irem bem' nas provas externas.

## Como alcançá-los?

Para que a escola possa constituir-se e consolidar-se como esse lugar de aprendizagem e de produção de conhecimento para todos, é preciso que se converta em um contexto propício para relações interpessoais solidárias, trabalho coletivo e desenvolvimento profissional contínuo, apoiado no estudo, na reflexão sobre a prática, na discussão de situações-problema e na investigação de questões relevantes para a comunidade escolar.

O fato é que, tal como alimentação, saúde, convívio social e lazer, o conhecimento também é fundamental para a qualidade de vida das pessoas - alunos e profissionais. Quanto mais se sabe, mais se pode saber - o que sabemos nos faz melhores observadores, melhores intérpretes e, por certo, melhores cidadãos.

Nesse sentido, a escola é uma instituição poderosa, porque tanto pode dar à luz o conhecimento e o prazer de aprender para todos como, ao contrário, pode obscurecer. Se considerarmos que o magistério é a maior categoria profissional do país (são mais de um milhão e seiscentos mil professores!) e que os alunos passam cerca de quatro horas na escola durante 200 dias letivos, por vários anos, teremos a real dimensão de sua potencialidade como instituição educativa.

Utilizando como referência o conceito de professor reflexivo, hoje bastante difundido e aceito, Isabel Alarcão desenvolve, por analogia, o conceito de escola reflexiva e apresenta dez idéias que traduzem o seu pensamento a esse respeito, aqui resgatadas no conteúdo, mas formuladas com algumas adaptações e apresentadas como pressupostos:

- Tomar como princípio que, em uma escola, o mais importante são as pessoas.
- Considerar que liderança, diálogo e reflexão-ação são fundamentais na gestão escolar.
- Construir e consolidar um projeto educativo próprio, explícito e compartilhado.
- Compatibilizar a dimensão local e universal da educação escolar.
- Garantir o exercício da cidadania no interior da própria escola.
- Articular as ações de natureza político-administrativa e curricular-pedagógica.
- Criar contextos que favoreçam o protagonismo e a profissionalidade dos professores.
- Incentivar o desenvolvimento profissional e a ação refletida de todos.
- Produzir conhecimento sobre a prática pedagógica e a vida da escola, buscando resposta para os desafios.
- Considerar que a escola e as pessoas são 'sistemas abertos', isto é, estão em permanente interação com o ambiente externo.

Esses são, segundo nos parece, os principais desafios da gestão de uma escola para fazê-la de qualidade, se entendermos que uma escola boa de fato é aquela que não apenas dá acesso ao conhecimento para todos que nela convivem, mas também cria condições para que todos se desenvolvam.

E, se concentrarmos o foco, 'colocando o *zoom*' especificamente na gestão da sala de aula, podemos considerar que os desafios são semelhantes para os professores.

Seriam estes, de modo geral:

- Tomar como princípio que, em uma sala de aula, o mais importante são os alunos.
- Considerar que liderança, diálogo e reflexão-ação são fundamentais na gestão do trabalho pedagógico.
- Construir e consolidar, tanto quanto possível, projetos explícitos e compartilhados com os alunos.

- Compatibilizar, no trabalho pedagógico, a dimensão local - as necessidades específicas da turma - e a dimensão geral - as demandas do projeto educativo da escola e do sistema de ensino.
- Garantir o exercício da cidadania no convívio cotidiano da sala de aula.
- Articular, na ação docente, a perspectiva do ensino e da gestão da classe.
- Criar contextos que favoreçam o protagonismo dos alunos.
- Incentivar o desenvolvimento de uma adequada postura de estudante pelos alunos e de compromisso com a própria aprendizagem.
- Produzir conhecimento sobre o que acontece no cotidiano, buscando respostas para os desafios - sempre que possível, coletivamente.
- Considerar a sala de aula e os alunos são 'sistemas abertos', isto é, estão em permanente interação com tudo o que está além deles próprios e da porta da classe.

Evidentemente nenhum educador conseguirá facilmente dar conta dessas tarefas sozinho. Para realizá-las é importante contar com o apoio de um coletivo forte e solidário. Mas para poder contar com o apoio de um grupo desse tipo, é preciso se empenhar em construí-lo cotidianamente: a força de um coletivo vem do envolvimento de cada um.

Esse investimento na construção de um verdadeiro espírito de equipe é fundamental por infinitas razões. Uma delas nos lembra Anton Makarenko: é uma incoerência pretender educar um coletivo sem ser, o educador, parte de um coletivo também.



## Do que falamos quando falamos em objetivos, conteúdos e atividades?

As considerações que se seguem representam, de certo modo, o marco conceitual em relação à abordagem curricular e ao conhecimento didático: estão explicitadas, nesta parte, as concepções de objetivo e conteúdo de ensino, de atividade para ensinar e avaliar, de planejamento e avaliação e de modalidades de organização didática dos conteúdos.

### Os objetivos

A formulação dos objetivos indicados nos Cadernos de Orientação Curricular apresenta as capacidades possíveis de serem desenvolvidas pelos alunos, quando a proposta de ensino é organizada segundo os pressupostos e os desdobramentos pedagógicos defendidos nesses materiais. Se os propósitos da Educação Básica, aqui enunciados, indicam algumas das principais tarefas das escolas para garantir o desenvolvimento das diferentes capacidades de seus alunos, nos objetivos que compõem as referências curriculares das diferentes áreas de conhecimento estão indicadas quais são estas capacidades - que coincidem com expectativas de alcance, com o que se considera desejável e necessário que todos os alunos aprendam durante o período letivo. Dessa perspectiva, o desenvolvimento das diferentes capacidades dos alunos é a razão de ser da educação escolar.

A definição dessas expectativas de alcance, evidentemente, não tem a intenção de padronizar as possibilidades dos alunos: há aqueles que, com certeza, irão muito além do que está estabelecido como expectativa e há outras que, por razões várias, não terão condições de conquistar os saberes previstos. A clareza a esse respeito não pode justificar, entretanto, a omissão por parte das Secretarias de Educação, que têm a responsabilidade institucional de zelar pelo direito à melhor aprendizagem possível para todos os alunos, de apresentar indicadores de referência para o ensino e de contribuir para minimizar as desigualdades no acesso ao conhecimento.

### Os conteúdos

Na tradição pedagógica, o termo 'conteúdo escolar' foi utilizado para referir-se aos ensinamentos clássicos das disciplinas, ou seja, sempre esteve muito relacionado aos principais conceitos das áreas de conhecimento. Porém, o que hoje se tem é uma ampliação da concepção de conteúdo escolar, tomado como o que se ensina explicitamente ou se favorece que os alunos aprendam a fim de desenvolver diferentes capacidades - não só as de natureza cognitiva, mas todas as demais: físicas, afetivas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal...

Sabemos que as capacidades humanas se inter-relacionam de alguma forma, mas a depender do tipo, um ou outro aspecto predomina mais: além daquelas em que o aspecto cognitivo é preponderante, como pensar, ler e calcular, há as capacidades físicas, como correr, dançar e saltar; afetivas, como desenvolver autoestima e demonstrar sentimentos; éticas, como respeitar o outro e conviver com as diferenças; estéticas, como desenhar e apreciar a arte; de inserção social e de relacionamento interpessoal, como participar de grupos e conviver solidariamente.

Tal como hoje defendem vários estudiosos, são quatro os principais tipos de conteúdo escolar. Cada tipo requer tratamento didático diferenciado, porque são aprendidos de modo diferente, conforme demonstra a caracterização elaborada com base no que propõe Antoni Zabala em '*A prática educativa: como ensinar*' (1998), que segue abaixo.

Um primeiro tipo de conteúdo reúne fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos - que são informações de pouca ou nenhuma complexidade. Por exemplo: nomes de lugares, pessoas e objetos em geral, endereços, números de telefones, instruções simples... Esse tipo de conteúdo é aprendido basicamente mediante atividades de repetição e/ou cópia mais ou menos literal, a fim de serem memorizados - não requerem construção conceitual e são compatíveis com uma abordagem transmissiva, baseada no uso da linguagem verbal. De qualquer forma, para ensinar esse tipo de conteúdo é conveniente, sempre que possível, associá-lo a um ou mais conceitos, para que a aprendizagem não seja exclusivamente mecânica e que se apoie em relações estabelecidas com outros conteúdos mais significativos.

Outro tipo de conteúdo reúne conceitos e princípios. Os conceitos se referem ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns e os princípios se referem às mudanças que se produzem em um fato, objeto ou situação em relação a outros fatos, objetos ou situações, em geral relações de causa-efeito ou correlações. Por exemplo: energia, fotossíntese, território, cultura, sistema alfabético de escrita, sistema de numeração decimal, divisão... Esse tipo de conteúdo implica, necessariamente, compreensão e é aprendido por um processo de elaboração e construção pessoal, por aproximações sucessivas, por 'erros e acertos' nas interpretações, que vão se depurando conforme avança o entendimento. São boas atividades, nesse caso, as que favoreçam que aquilo que é objeto de conhecimento dos alunos se relacione com seus conhecimentos prévios, que mobilizem e potencializem essas relações, que apresentem desafios ajustados às necessidades e possibilidades de aprendizagem, que confirmem significado e funcionalidade ao que está sendo estudado, que requeiram o uso dos conceitos para descobrir, interpretar e verificar outras situações, construir outras ideias, adquirir outros saberes.

Esses dois tipos de conteúdo são os que a escola, ao longo da história, tem se ocupado em ensinar, embora cometendo o equívoco - geralmente de sérias consequências para a (não)aprendizagem dos alunos - de ensinar conceitos e princípios complexos com estratégias de repetição-fixação-memorização, ou seja, como se fossem informações simples, de fácil assimilação. Já os tipos de conteúdo descritos a seguir, também por um equívoco de efeitos semelhantes, em geral não têm sido tomados pela escola como 'conteúdos em si', mas como derivações do conhecimento de fatos e conceitos, o que, na prática, não se verifica...

Procedimentos, métodos, técnicas, destrezas ou habilidades e estratégias configuram outro tipo de conteúdo. Em geral, envolvem um conjunto de ações ordenadas, não são necessariamente observáveis e, conforme a natureza e complexidade, dependem do conhecimento de conceitos que permitam proceder desta ou daquela forma. Alguns exemplos: ginástica, dança, leitura, escrita, reflexão, estudo, pesquisa, cálculo mental, comparação... Conteúdos dessa natureza só se aprendem pela prática (pois é fazendo que se aprende a fazer) e a qualidade do desempenho requer exercitação frequente, aplicação em contextos diferenciados e reflexão sobre a própria atividade, o que possibilita a tomada de consciência da ação desenvolvida: para poder proceder melhor é importante poder refletir sobre a maneira como procedemos. As atividades devem, então, funcionar como contextos favoráveis para o uso desses recursos e, portanto, as atividades permanentes são privilegiadas, porque se caracterizam pela constância e pela regularidade.

Por fim, o outro tipo de conteúdo reúne valores, atitudes e normas. Valores são princípios ou afirmações éticas que permitem às pessoas emitir juízo sobre condutas e seus respectivos sentidos. Atitudes são tendências ou predisposições relativamente estáveis para atuar de certo modo, de acordo com determinados valores. E normas são padrões ou regras de comportamento a serem seguidos em determinadas situações e que orientam a conduta de todos os membros de um grupo social, constituindo a forma pactuada de pôr em prática certos valores compartilhados por uma coletividade, que indicam o que pode/deve ou não ser feito. Alguns exemplos: solidariedade, cooperação, respeito, responsabilidade, liberdade, cuidado com o meio ambiente, gosto pela leitura... Os processos vinculados à compreensão de conteúdos associados a valores, em geral, exigem reflexão, tomada de posição e elaborações complexas de caráter

pessoal. Ao mesmo tempo, a apropriação e a interiorização do que está sendo compreendido requer envolvimento afetivo, o que, por sua vez tem relação com necessidades individuais, com o ambiente, com o contexto. Nesse sentido, são situações adequadas de ensino e de aprendizagem aquelas que de fato contribuem para estimular esses processos e funcionam como situações exemplares, pois apenas o discurso do ‘dever ser’ é totalmente ineficaz nesse caso: a coerência na postura, na abordagem e nas eventuais ‘cobranças’ de conduta é essencial.

Mas o fato de poder identificar as características predominantes nos conteúdos, bem como as principais estratégias de aprendizagem e, em consequência, as abordagens metodológicas mais adequadas, não significa que as apropriações do sujeito que aprende se dão de maneira isolada em cada caso, muito pelo contrário.

Ainda que no quadro de referências curriculares das diferentes áreas os conteúdos não sejam apresentados separadamente, conforme os tipos indicados acima, é importante ressaltar que predominam os procedimentos. Isso acontece porque, embora os diferentes componentes curriculares contem com conteúdos de todos os tipos, é a capacidade de uso do conhecimento o que mais importa. Em relação aos conceitos, por exemplo, o ‘saber sobre’ está sempre a serviço do ‘saber fazer’, ou seja, tudo o que o aluno aprende deve potencializar sua capacidade de proceder. Portanto, neste documento não se verá os conteúdos relacionados da maneira convencional: ao invés de breves listas com conceitos, temas e informações, quase sempre a forma de apresentá-los faz referência, mesmo que nem sempre direta, a um certo modo de trabalhar com eles, ou seja, está explicitado o que exatamente ensinar.

### As atividades de ensino e aprendizagem

As atividades, tarefas ou situações de ensino e aprendizagem são as propostas feitas aos alunos para trabalhar um ou mais conteúdos. Há uma relação muito estreita entre objetivos, conteúdos e atividades porque os conteúdos, selecionados em função do tipo de capacidade que se espera dos alunos, são trabalhados a partir das propostas de atividade. Ou, dito de outro modo, é por meio das atividades que se tratam os conteúdos para que sejam desenvolvidas as capacidades indicadas como objetivos. Dessa perspectiva, o conteúdo ‘está’ potencialmente no objetivo, porque é este que define o que é preciso ensinar e ‘está’ potencialmente na atividade, à medida que ela é uma forma de abordá-lo.

### As atividades de avaliação

Em relação às formas de avaliar, algumas considerações são necessárias.

A primeira delas é que nem sempre as atividades específicas para avaliar são as mais informativas sobre o processo de aprendizagem: a observação cuidadosa do professor e a análise do conjunto da produção escolar do aluno, geralmente, são muito mais informativas sobre o seu nível de conhecimento.

Outra consideração importante é que qualquer atividade planejada especificamente para avaliar deve ser semelhante às que o aluno conhece, isto é, não deve se diferenciar, na forma, das situações de ensino e aprendizagem propostas no cotidiano. Isso não significa, entretanto, que as atividades devam ser iguais, mas sim que o aluno tenha familiaridade com a tarefa proposta e com a consigna (a forma de solicitar a tarefa). Se a tarefa nunca foi solicitada antes e o tipo de consigna é estranho ao que ele está acostumado, não será possível saber ao certo se o desempenho apresentado é o ‘seu melhor’ ou se foi influenciado negativamente pelo desconhecimento daquele tipo de proposta. Não faz sentido, por exemplo, avaliar o entendimento dos textos com questões de responder ou completar se no cotidiano elas são de múltipla escolha e vice versa. Esse é, inclusive, um dos principais problemas que podem surgir nas avaliações externas, quando elas se organizam de modo diferente do que é utilizado no

cotidiano. Por essa razão, é importante incorporar ao trabalho pedagógico também as formas de avaliar usadas nas provas externas, para que os alunos possam se familiarizar com elas naturalmente.

E há atividades que são as melhores para o aluno aprender, mas não servem para avaliar: uma situação de aprendizagem deve favorecer que o aluno ponha em jogo o que já sabe, estabeleça relações, conecte o que está aprendendo ao seu conhecimento prévio e daí por diante; já uma situação de avaliação deve favorecer que ela explicita o que já sabe... Portanto, são tarefas bastante diferentes, que nem sempre são compatíveis no mesmo tipo de proposta. Se o objetivo é, por exemplo, desenvolver o gosto pela leitura e o interesse pelos livros e demais portadores textuais, uma excelente proposta será o professor ler em voz alta bons textos de diferentes gêneros e portadores para os alunos. Mas ler em voz alta para eles não permite avaliar se estão de fato desenvolvendo interesse pela leitura, pelos textos e portadores. Isso é algo que se poderá verificar observando as escolhas que fazem, os seus comentários, as atitudes durante as situações de leitura... Ou seja, nem tudo que é bom para ensinar, é bom para avaliar.

A avaliação da aprendizagem dos alunos pressupõe ter em conta não só os resultados obtidos nos momentos específicos para avaliar, mas também (e principalmente) o conhecimento prévio que eles tinham sobre aquilo que se pretendia que aprendessem, o seu percurso de aquisição de conhecimento e a qualidade das propostas (atividades, agrupamentos, intervenções), para poder redimensioná-las quando os resultados não forem os esperados. Dessa perspectiva, o processo de avaliação deve apoiar-se em três tipos de propostas:

Observação sistemática - acompanhamento do percurso de aprendizagem do aluno, utilizando instrumentos de registro das observações.

Análise das produções - observação criteriosa do conjunto de produções do aluno, para que, fruto de uma análise comparativa, se possa ter um quadro real das aprendizagens conquistadas.

Análise do desempenho em atividades específicas de avaliação: verificação de como o aluno se sai nas situações planejadas especialmente para avaliar os seus conhecimentos prévios sobre o que se pretende ensinar e para avaliar o quanto aprendeu sobre o que já foi trabalhado.

Conforme o objetivo que se tenha, a proposta mais adequada será uma ou outra:

- a observação dos alunos em atividade é essencial para avaliar atitudes e procedimentos;
- a análise comparativa de suas produções e dos registros das observações feitas é o que indicará o percurso de aprendizagem e a evolução do seu conhecimento;
- o uso de atividades específicas para avaliar determinados conteúdos é importante quando se pretende verificar se/ou quanto esses foram aprendidos em um período de tempo.

Quando a proposta é esta última, de avaliação de desempenho, e o aluno já sabe o que isso significa e para que serve, é importante, então, deixar claro o que se pretende avaliar (e por que razão), para que ela procure 'dar o melhor de si' nesses momentos. E devem ser atividades a serem realizadas individualmente e sem ajuda, a menos que o propósito seja analisar como ele procede em parceria com os demais colegas ou com a ajuda do professor. A prova é, portanto, apenas um dos instrumentos possíveis de avaliação, e não o único e nem o mais adequado, a depender do tipo de conteúdo. Se bem planejada, a prova é um recurso que pode ser oportuno para avaliar o conhecimento do aluno sobre fatos e conceitos, mas nem sempre servirá para avaliar atitudes e procedimentos, que são os conteúdos mais recorrentes nos anos iniciais.

Para avaliar adequadamente a aprendizagem, é preciso ter sempre como referência três parâmetros, tomados simultaneamente como critério geral: o aluno em relação a ele mesmo, em relação ao que se espera dele e em relação aos demais colegas que tiveram as mesmas oportunidades escolares.

Avaliar o aluno em relação a ele mesmo significa considerar o que ele sabia antes do trabalho pedagógico realizado pelo professor e comparar esse nível de conhecimento prévio com o que ele demonstra ter adquirido no processo.

Avaliar o aluno em relação ao que se espera dele pressupõe ter expectativas de aprendizagem previamente definidas (o que, neste Caderno, está indicado como objetivos e conteúdos) e utilizá-las como referência para orientar as propostas de ensino e de avaliação.

E avaliar o aluno em relação aos demais que tiveram as mesmas oportunidades escolares é apenas uma forma de complementar as informações obtidas a partir dos dois primeiros parâmetros: a comparação do desempenho dos alunos só tem alguma utilidade se contribuir para entender melhor porque eles aprenderam ou não o que se pretendia ensinar.

Considerar ao mesmo tempo esses três parâmetros é condição para avaliar de maneira justa.

## Uma nota sobre conceitos de avaliação

Vivemos tempos em que a prática da avaliação externa nos sistemas de ensino tem se intensificado, provocando certos mal-entendidos em relação a algo nem sempre bem compreendido: a razão de ser, a real função da avaliação da aprendizagem dos alunos.

Em hipótese alguma o processo de avaliação de aprendizagem desenvolvido pelo professor pode se confundir com a proposta de avaliação externa que hoje se faz, baseada em alguns indicadores bastante específicos.

Vejamos por que.

Avaliação de aprendizagem é o processo de verificação do nível de conhecimento demonstrado pelo aluno e do nível de desenvolvimento das capacidades colocadas como objetivos do ensino, com a finalidade de subsidiar o trabalho pedagógico do professor, de possibilitar que ele ajuste as propostas de ensino às possibilidades e necessidades de aprendizagem de sua turma. Ou seja, a avaliação de aprendizagem está a serviço do planejamento do ensino. E dessa perspectiva, como dissemos, pressupõe avaliar o aluno em relação a si mesmo, ao que se espera dele e ao que conquistaram os demais alunos da turma. Isso é algo que somente o professor pode fazer.

Já a avaliação externa, que se realiza através de provas estruturadas com base em uma matriz de referência única (como as do SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica e Prova Brasil, realizadas pelo MEC, bem como as avaliações elaboradas e aplicadas pelas próprias Secretarias de Educação), tem a finalidade de identificar o nível de desempenho dos alunos em relação a alguns objetivos e conteúdos considerados relevantes em um determinado momento, para conseqüentemente poder identificar como estão se saindo os sistemas de ensino e suas escolas no que diz respeito ao trabalho com esses objetivos e conteúdos. A perspectiva central é orientar as políticas públicas e, em alguns casos, também a destinação de recursos para a educação.

Assim, esses dois tipos de avaliação não se coincidem e nem se excluem: com as provas externas se pretende avaliar exclusivamente o desempenho dos alunos em alguns aspectos e, dadas as suas características e os seus limites, as provas não “alcançam” o processo de aprendizagem como um todo, tanto porque se pautam em apenas uma parte dos objetivos/conteúdos do ensino como porque não incluem um dos principais parâmetros a considerar: a análise dos saberes conquistados pelo aluno por comparação ao próprio conhecimento, antes.

Confundir esses dois processos avaliativos - ou atribuir à avaliação externa maior importância - teria como consequência pelo menos três equívocos inaceitáveis, com efeitos desastrosos para os alunos:

- considerar como conteúdo relevante apenas o que é priorizado nas provas;

- usar como critérios de avaliação justamente os parâmetros que menos consideram o sujeito da aprendizagem (isto é, o desempenho do aluno em relação ao que dele se espera e em relação a como se saem os demais alunos do ano/série/turma);
- tomar como referência única para todos os alunos de uma escola ou de uma cidade indicadores que não levam em conta certas peculiaridades que, por vezes, justificam projetos e conteúdos específicos, ajustados às necessidades que se identifica.

A cada uma o seu devido lugar, portanto: a avaliação externa é importante e necessária, mas não é ela a orientar o ensino no dia-a-dia da sala de aula. Como indicam os propósitos das escolas relacionados anteriormente, é preciso considerar os indicadores das provas externas como uma demanda contextual necessária, que devem, sim, ser tomados como referência na organização do trabalho pedagógico, mas não como “a” razão da educação escolar, porque a função social da escola não pode de forma alguma se confundir com a tarefa exclusiva de preparar os alunos para “irem bem” nas provas externas.

Nenhuma iniciativa concebida “de fora” pode substituir uma proposta de avaliação criteriosa, qualitativa, formativa, planejada e desenvolvida e pelo professor para iluminar suas escolhas pedagógicas.

## Breves considerações sobre os temas transversais ao currículo

A questão dos temas transversais, como componentes do currículo, ganhou relevância especialmente a partir da publicação dos parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. A perspectiva, na época (1997), era de que algumas questões sociais precisavam ser abordadas no currículo escolar de todas as escolas do país - ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural - e outras deveriam ser selecionadas localmente, no âmbito da Secretaria de Educação ou das escolas, conforme a importância que tivessem.

Seguindo a tendência predominante naquele momento, a proposta para esses temas era de um tratamento transversal nas áreas curriculares afins, muito mais compatível com sua natureza e complexidade do que seria a abordagem em uma única disciplina. Não se constituíam em novas disciplinas, muito pelo contrário, mas em um conjunto de temas transversalizados em várias, contempladas na concepção, nos objetivos, nos conteúdos e nas orientações didáticas de cada uma delas. A transversalidade pressupõe sempre um tratamento integrado das áreas curriculares relacionadas aos temas selecionados.

Como esse tipo de abordagem era pouco familiar aos educadores até então, a opção - nos Parâmetros Curriculares de Ensino Fundamental - foi por uma apresentação das propostas de trabalho com esses temas sociais considerados relevantes em duas perspectivas: as propostas não só foram transversalizadas na concepção, nos objetivos, nos conteúdos e nas orientações didáticas de cada disciplina, mas foram também reunidas em publicações específicas de cada um dos temas, onde se aprofundou a fundamentação metodológica.

Passada mais de uma década, e com esses subsídios todos disponíveis, nestas Orientações Curriculares a opção não foi por organizar documentos específicos por temas: as questões da ética, da saúde, do meio ambiente, da sexualidade e da pluralidade cultural estão transversalizadas no quadro curricular das disciplinas afins.

## O lugar da História e da Cultura Afro-Brasileira na educação escolar

Desde 2003, a Lei 10.639 tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, o que representa uma importante conquista, resultado da luta de professores, pesquisadores e militantes comprometidos com o justo tratamento dessa questão na educação escolar. Para tanto, cabe à toda escola assegurar o estudo da história da África e dos africanos, da opressão, resistência e luta dos negros no Brasil, das influências dos negros na formação da sociedade brasileira do ponto de vista cultural, social, econômico e político.

A perspectiva é a de garantir que os alunos aprendam sobre o processo histórico que teve como característica a presença do negro no Brasil, sobre as causas que determinaram - e determinam até hoje - as suas condições de vida e trabalho, bem como a exclusão social de grande parte da população negra em nosso país. E, por outro lado, garantir que os alunos aprendam sobre a dimensão e riqueza da contribuição trazida pela cultura e pelo povo africano para a formação da nossa identidade como brasileiros e para que possam, acima de tudo, desenvolver atitudes positivas e não discriminatórias em relação não apenas aos negros, mas a todas as pessoas, quaisquer que sejam as suas características.

Segundo o que prevê a Lei 10.639, esses conteúdos deverão ser trabalhados, de modo geral, em todo o currículo escolar, mas mais especificamente nas áreas de Arte, Literatura e História. Quando a escola ainda não desenvolve plenamente uma prática pedagógica nesse sentido, uma alternativa valiosa é o planejamento de projetos interdisciplinares que favoreçam a abordagem dos conteúdos a partir de perspectivas das diferentes áreas curriculares. O trabalho coletivo necessário para planejar e realizar projetos integrados tem sempre a vantagem de favorecer o avanço do conhecimento docente sobre os temas e as possibilidades didáticas mais interessantes para abordá-los de maneira adequada.

Uma escola inclusiva e comprometida com a formação de todos os alunos é aquela capaz de comunicar as práticas culturais e os conhecimentos historicamente produzidos que são tomados como conteúdo nas diferentes áreas curriculares e, ao mesmo tempo, é capaz de instrumentalizá-los para que desenvolvam valores éticos e atitudes necessárias a um convívio social fraterno, pautado na aceitação da diferença, na justiça e no repúdio a qualquer forma de discriminação.

# Referências Curriculares

## Breves considerações sobre o ensino de Educação Física

Neste momento da escolaridade quando jovens e adolescentes dão andamento a um processo de busca de identificação e afirmação pessoal, em que a construção da autoimagem e da autoestima desempenha um papel extremamente importante, o desafio que se coloca para a Educação Física é o de atuar de maneira significativa, criando uma multiplicidade de interesses, possibilidades de identificações com estilos e também inúmeras formas de buscar prazer e satisfação. Buscar essa diversidade significa contrapor-se à valorização do desempenho técnico com pouca ênfase no prazer ou vice-versa.

A abordagem técnica com referência em modelos muito avançados, a desvalorização de conteúdos conceituais e atitudinais e, principalmente, uma concepção de ensino que deixa como única alternativa adaptar-se a modelos pré-determinados têm como resultado, em muitos casos, a exclusão dos alunos.

A inclusão dos jovens como co-elaboradores das propostas de ensino e aprendizagem, que considerem sua realidade social e pessoal, favorece a percepção de si e do outro, trazendo para o trabalho suas dúvidas e necessidades de compreensão dessa mesma realidade. Enfrentando esse desafio é que se favorece a constituição de um ambiente de aprendizagem significativa, carregado de sentido e possibilidades de escolha para o aluno, favorecendo a troca de informações, a formulação de questões e a elaboração de hipóteses na tentativa de respondê-las.

O processo de afirmação pessoal passa pela necessidade de inserção social, desde os grupos de convivência cotidiana até os grupos socioculturais mais abrangentes. Ser reconhecido pelo grupo é subsídio para o autoconhecimento e, em alguns momentos inclusive, negar-se a participar pode ser uma forma de ser notado por ele. Pertencer a um determinado grupo significa experimentar um estilo diferenciado de ser, em que, paradoxalmente, comportamentos, posturas e valores padronizados contribuem para a construção da identidade pessoal. Nesta construção, as experiências corporais adquirem uma dimensão significativa, cercada de dúvidas, conflitos, desejos, expectativas e inseguranças. Quase sempre influenciados por modelos externos, o jovem e o adolescente questionam a sua autoimagem em relação à beleza, capacidades físicas, habilidades, limites, competências de expressão e comunicação, interesses etc.

A padronização de modelos de beleza, desempenho, saúde e alimentação impostos pela sociedade de consumo contribui para a cristalização de conceitos e comportamentos estereotipados e alienados, tornando a discussão, a reflexão e a relativização de conceitos e valores uma permanente necessidade.

Essas experiências corporais podem ser vividas na lógica da diversidade, de forma proveitosa, se for objeto de experimentação e reflexão simultâneas; de forma construtiva, se efetivamente for tratada como objeto sociocultural sobre o qual se exerce um papel ativo de produção e de real participação. Pode também ser muito prejudicial se tratada com omissão, restringindo a experiência do aluno à passividade consumista.

Diversificando estratégias, professor e aluno, podem participar de uma integração cooperativa de construção e descoberta, em que o professor promove uma visão organizada do processo com possibilidades reais de aprendizagem e o aluno traz o elemento novo, seu estilo pessoal de executar e refletir e, portanto, de aprender. Desse modo, ambos, professor e aluno, podem ressignificar suas estruturas interiores de aprendizagem e de ensino, elaborar a intenção e a



predisposição necessárias para a construção do novo e do que é mais atual e trabalhar com o momento presente em que a aprendizagem ocorre.

Em síntese, o que se quer ressaltar é que nem os alunos, nem os conteúdos e tampouco os processos de ensino e aprendizagem são virtuais ou ideais, mas sim reais, vinculados ao que é possível em cada situação e em cada momento.

## Contribuições à formação dos alunos

O acesso à cultura corporal de movimento representa uma oportunidade de diálogo com o ambiente cultural, com tradições, sentidos e significados que as diferentes práticas transformam e ressignificam a cada tempo e contexto.

Aprender dessa cultura significa dialogar com o outro a partir de jogos, brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes. Devemos também considerar que esse diálogo se dará a partir de conteúdos historicamente relevantes da Educação Física e que são portadores de valores. Alguns deles, como o esporte, muitas vezes são estabelecidos e transmitidos por uma cultura dominante e hegemônica, pela mídia atrelada à indústria do consumo, mantendo o que está previamente estabelecido sem uma reflexão crítica. Assim, por trás da escolha de cada conteúdo se faz presente uma opção política, ética e estética; por trás da concepção e da metodologia de ensino, revela-se uma perspectiva mais ou menos crítica, mais ou menos emancipatória.

Dessa forma, mais do que o conteúdo tradicional entendido como conjunto de técnicas a serem aprendidas – por exemplo, chutar uma bola, fazer uma estrela, uma determinada técnica de ginástica, ou seja, tudo aquilo que é preciso ensinar explicitamente –, é importante que o professor crie condições para que o aluno aprenda, estabeleça um diálogo entre o jovem e o conhecimento, entre os jovens, entre eles e os professores e com a comunidade e a cultura em que estão todos inseridos. Aponta-se aqui uma perspectiva metodológica que tem como eixo o diálogo com o conhecimento e não a aprendizagem de um conteúdo estático, acabado e pré-determinado. É nesta capacidade comunicativa e dialógica que enxergamos a contribuição da Educação Física na formação dos alunos: a possibilidade de um aluno que se quer autônomo e crítico, participativo e emancipado na construção do ambiente de convívio social, a partir das práticas da cultura corporal.

## Educação Física e as outras áreas curriculares

A Educação Física, nesta fase da escolaridade, assim como ocorre com as outras áreas do conhecimento, passa a ser desenvolvida por um professor especialista. Ainda que isso não ocorra em todas as regiões do Brasil por falta de professores, a tendência da especificidade é característica do trabalho com o conhecimento, dividido em disciplinas do 6º ao 9º ano. A Educação Física torna-se uma área de conhecimento de especialistas como a Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, Artes, entre outras, que até então eram desenvolvidas por professores da classe no trabalho do 1º ao 5º ano, em algumas regiões conhecidos como professores polivalentes. Exatamente por existir essa característica histórica que o primeiro desafio para todos os professores é a articulação do currículo, “descompartmentalizando” as áreas do saber.

Temos observado, ao longo dos últimos anos, projetos de Educação Física mais articulados com as outras áreas curriculares, especialmente em escolas em que os projetos estão se tornando uma modalidade organizativa mais frequente. Nos projetos, os alunos vão se apropriando do conhecimento a partir da investigação sobre uma boa pergunta, que derruba os muros das áreas de conhecimento, permite atravessar fronteiras em busca das respostas, da compreensão de um fenômeno, principalmente daquilo que, naquele momento, se tornou importante e significativo.

Quando pensamos na formação do professor reflexivo, capaz de desenvolver um programa articulado com as outras áreas e significativo para os alunos, sabemos do desafio para superar uma prática anterior, uma característica específica da formação do professor de Educação Física.

O histórico da área, no que se refere à formação do professor de Educação Física, esteve atrelado ao ensino de técnicas de algumas práticas esportivas como futebol, basquete, vôlei, handebol, atletismo; algumas práticas de ginástica, como alongamento para aquecimento; exercícios de fortalecimento; abdominais; e jogos para recreação e entretenimento de todos os alunos. A partir desta formação voltada para o ensino de práticas, um modelo afeito ao de 'instrutor de modalidades' ou de 'recreacionista' precede o profissional que tem como representação da sua função social o ensino específico de técnicas.

O professor, durante a formação inicial, aprendeu a pensar a aprendizagem dos alunos como procedimentos para praticar, ou seja, teve uma graduação ancorada nas técnicas de ensino, por exemplo, em como ensinar a jogar handebol, futebol, queimada, ginástica olímpica etc. A aprendizagem técnica dos procedimentos relacionados ao fazer, jogar, saltar etc., é importante e deve ser incluída nas expectativas de aprendizagem para cada ano, mas não é suficiente quanto à necessidade de explicitação dos objetivos da área. A dificuldade específica da Educação Física está na elaboração de objetivos mais amplos, que considerem a aprendizagem específica na área, mas que também levem em conta o desenvolvimento de capacidades e competências relacionadas e pretendidas também por outras áreas curriculares. É dessa formulação de objetivos ampliados que surge um novo critério para a seleção de conteúdos, também mais amplos, que contemplem a aprendizagem específica aliada ao desenvolvimento de capacidades e competências e, a partir dos quais, se elaboram as propostas conjuntas com as demais áreas curriculares.

O acesso de todos os alunos à cultura corporal, pautado pelo diálogo com o conhecimento, adquire um caráter comunicativo de valores, técnicas e métodos, imagens e símbolos, conceitos científicos, contextos históricos, geográficos, políticos, étnicos, o que favorece um tratamento metodológico articulado com as demais áreas.

A Educação Física dentro do ambiente escolar apresenta uma peculiaridade em relação às demais áreas, na medida em que se constitui quase como uma unanimidade quanto ao gosto e à preferência que a maioria dos alunos demonstra ter pelas aulas.

Este gosto pela Educação Física pode ser explicado por várias razões, entre elas:

- A proximidade das atividades vivenciadas (jogos, brincadeiras, danças etc.) com as demandas naturais por atividades lúdicas e de intensa movimentação corporal dos alunos;
- O fato de que as aulas de Educação Física terminam por ser um dos únicos momentos do cotidiano escolar em que os alunos podem se movimentar e se relacionar de uma maneira mais dinâmica e corporal. E, ainda, porque nas aulas de Educação Física os alunos têm a oportunidade de utilizar um espaço físico e uma série de materiais didáticos que não estão acessíveis para boa parte dos alunos (por exemplo, quadra com traves e tabelas, rede de vôlei, bolas, tacos, raquetes, dentre outros);
- O fato de que, em muitos contextos, a quadra da escola é o único espaço físico disponível na comunidade para a realização de atividades corporais e os alunos aproveitam ao máximo essa possibilidade que a aula de Educação Física proporciona.

Esse gosto e esse grande interesse que os alunos demonstram pelas aulas de Educação Física devem, portanto, ser aproveitados o máximo possível, potencializando as oportunidades de aprendizagem e favorecendo o desenvolvimento de propostas também em parceria com outras áreas.

A aproximação de outras áreas curriculares com a Educação Física pode ser feita através da criação de sequências de atividades e de projetos didáticos, com o objetivo de promover o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades dos alunos.

## Algumas considerações sobre a avaliação em Educação Física

No quadro de referências curriculares deste documento, são apresentados indicadores de avaliação da aprendizagem que permitem registrar a evolução das capacidades descritas nos objetivos. Mas cabe aqui também uma breve reflexão sobre os instrumentos de avaliação.

A proposta é que os momentos de avaliação e os respectivos instrumentos se configurem nas atividades desenvolvidas ao longo do trabalho, por isso alguns indicadores e instrumentos aparecem descritos nas próprias atividades.

Em qualquer caso, é importante que os alunos saibam não só o que está sendo avaliado, mas também por que, para que, quando e como estão sendo avaliados. Isso significa que eles precisam conhecer e partilhar os objetivos propostos, que devem representar metas claras e significativas para todos, bem como ter informações claras sobre os diferentes tipos/momentos desse processo:

- avaliação inicial e diagnóstica - utilizada para identificar os conhecimentos prévios;
- avaliação reguladora - utilizada para ajustar o ensino às necessidades e possibilidades de aprendizagem dos alunos, a partir de suas respostas durante as atividades;
- avaliação final - integrando e fechando um tempo do processo de aprendizagem quando se avalia o que de fato se aprendeu em relação aos objetivos.

Nesses três momentos, é fundamental que as atividades sejam significativas e, em alguns casos, podem ser realizadas pelos alunos seguidas do próprio registro do desempenho em relação aos indicadores de aprendizagem. Esse ponto merece uma atenção especial no planejamento, pois temos pelo menos dois bons motivos para descentralizar a avaliação frequentemente planejada, aplicada e utilizada apenas pelo professor.

O primeiro se refere ao significado da avaliação no planejamento: quando os objetivos e conteúdos são apresentados com clareza aos alunos, discutidos e ajustados com o grupo, estes são efetivamente considerados colaboradores valiosos do processo de ensino e agentes do processo de aprendizagem.

O segundo está relacionado à gestão do tempo da avaliação: quando as decisões em relação a quando avaliar as capacidades dos alunos estão concentradas apenas na figura do professor, isso circunscreve o planejamento e a realização da avaliação aos momentos de aula e a consequência é que alguns indicadores podem não ser observáveis, em função das turmas serem geralmente numerosas.

Se, entretanto, o processo avaliativo for partilhado com os alunos, se eles puderem atuar também como observadores dos indicadores de aprendizagem, ou mais, se também participarem do estabelecimento de alguns critérios de avaliação, será possível que, também eles, acompanhem a evolução de seu percurso pessoal de desenvolvimento.

Um exemplo de como isso pode ser feito é o seguinte:

Considerando como indicador de avaliação a melhoria da habilidade motora na realização de um gesto esportivo (fundamento técnico), uma possibilidade é planejar o instrumento com os alunos, para que possam observar a evolução deste gesto em situações de prática, como por exemplo uma planilha de observação tal como as utilizadas para “scout” em partidas de futebol - onde se registra o número de passes certos, os chutes a gol, escanteios cobrados etc. Essa proposta permite que, no momento que alguns alunos realizam o que se pretende avaliar, outros observem e registrem o seu desempenho nesse instrumento de gestão individual (por exemplo, duplas de alunos que se acompanham um ao outro durante atividades em que um joga e outro observa, depois o outro joga e o primeiro observa).

Os indicadores utilizados na planilha podem ser definidos/combinados para todos os alunos ou podem ser diferenciados e específicos por agrupamentos e devem ser registrados não só pelos alunos, em situações mais cotidianas, mas também pelo professor, em momentos pontuais. Esses registros são importantes para a reflexão coletiva nas rodas de conversa que se seguem às práticas. Também a participação dos alunos nesses momentos e a responsabilidade demonstrada para registrar a atuação não só do outro, mas também a própria, são atitudes importantes a considerar na avaliação - outras podem ser observadas a partir de indicadores relacionados a disponibilidade e envolvimento durante as atividades, por exemplo, para persistir e superar desafios.

Como se pode ver, os registros possíveis a partir desse tipo de instrumento são contribuições valiosas para a avaliação do processo de aprendizagem, porque favorecem a análise dos avanços identificados pelo professor a partir da primeira avaliação diagnóstica, bem como o ajuste das propostas de ensino às possibilidades e necessidades dos alunos.

## Objetivos do ensino

Tomando-se como referência os propósitos da escola apresentados anteriormente e o conjunto de orientações pedagógicas contidas neste documento, a expectativa é de que os alunos sejam capazes de

Até o final do 6º ano:

- Conhecer, valorizar, apreciar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, culturais ou de gênero.
- Participar de atividades competitivas e cooperativas envolvendo jogos e esportes, refletindo sobre o próprio desempenho e dos demais e expressando opiniões quanto a atitudes e estratégias a serem utilizadas em situações de jogos e esportes.
- Avaliar e refletir sobre seu próprio desempenho e dos demais, em práticas individuais e coletivas, identificando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas, relacionando com alguns princípios básicos da fisiologia do exercício e da aprendizagem motora.
- Organizar e praticar atividades corporais, valorizando-as como recurso para usufruir o tempo disponível, bem como ter a capacidade de alterar ou interferir nas regras convencionais, com o intuito de torná-las mais adequadas ao grupo, ao espaço e materiais, favorecendo a inclusão dos praticantes.
- Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas lutas, ginásticas e danças, considerando seus próprios limites e possibilidade, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.
- Construir, criar e adaptar materiais e espaços para a promoção de atividades corporais e de lazer, favorecendo e estimulando a ampliação das vivências relacionadas à cultura corporal de movimento mais veiculadas pela mídia.

### Até o final do 7º ano

- Conhecer, valorizar, apreciar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, culturais ou de gênero.
- Participar de atividades competitivas e cooperativas envolvendo jogos e esportes, respeitando as regras e não discriminando os colegas, adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade, repudiando atitudes violentas para si e para os colegas.
- Avaliar e refletir sobre seu próprio desempenho e dos demais, em práticas individuais e coletivas, identificando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas relacionando com alguns princípios básicos da fisiologia do exercício e da aprendizagem motora.
- Organizar e praticar atividades corporais, valorizando-as como recurso para usufruir o tempo disponível, bem como ter a capacidade de alterar ou interferir nas regras convencionais, com o intuito de torná-las mais adequadas ao grupo, ao espaço e materiais, favorecendo a inclusão dos praticantes.
- Perceber as possibilidades de desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades motoras nas ginásticas, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas pessoais com maior autonomia, valorizando o conhecimento para o desenvolvimento pessoal.
- Construir, criar e adaptar materiais e espaços para a promoção de atividades corporais e de lazer, favorecendo e estimulando a ampliação das vivências relacionadas à cultura corporal de movimento mais veiculadas pela mídia.

### Até o final do 8º ano

- Conhecer, valorizar, apreciar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas. Relacionar a diversidade de manifestações da cultura corporal de seu ambiente e de outros, com o contexto em que são produzidos e valorizados.
- Participar de atividades competitivas envolvendo jogos e esportes, participando efetivamente na adaptação das regras e na elaboração de estratégias a serem utilizadas, buscando encaminhar os conflitos através do diálogo, prescindindo da figura do árbitro.
- Aprofundar o conhecimento sobre os limites e possibilidades do próprio corpo em práticas individuais e coletivas, relacionar o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas com o conhecimento científico básico sobre treinamento e fisiologia do exercício, de forma a poder controlar as atividades corporais com autonomia e valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.
- Organizar e fazer uso das práticas da cultura corporal como recurso para integração entre as pessoas, valorizando-as como meios para ampliar a convivência na diversidade e para redução do preconceito.
- Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas lutas considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.

- Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e a melhoria da saúde coletiva.

### Até o final do 9º ano

- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura despojada de preconceitos ou discriminações por razões sociais, sexuais ou culturais. Reconhecer e valorizar as diferenças de desempenho, linguagem e expressividade decorrentes, inclusive, dessas mesmas diferenças culturais, sexuais e sociais. Relacionar a diversidade de manifestações da cultura corporal de seu ambiente e de outros, com o contexto em que são produzidas e valorizadas.
- Organizar e praticar atividades corporais, valorizando-as como recurso para usufruir o tempo disponível, bem como ter a capacidade de alterar ou interferir nas regras convencionais, com o intuito de torná-las mais adequadas ao momento do grupo, favorecendo a inclusão de todos os praticantes. Analisar, compreender e manipular os elementos que compõem as regras como instrumentos de criação e transformação.
- Aprofundar o conhecimento dos limites e das possibilidades do próprio corpo de forma a poder controlar algumas de suas posturas e atividades corporais com autonomia e a valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas. Aprofundar as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência por meio do planejamento e sistematização de suas práticas corporais. Buscar informações para aprofundamento teórico de forma a construir e adaptar alguns sistemas de melhoria de sua aptidão física.
- Organizar e fazer uso das práticas da cultura corporal como recurso para integração entre as pessoas e valorizando-as como meios para ampliar a convivência na diversidade e para redução do preconceito.
- Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas atividades rítmicas e danças, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.
- Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promoção de atividades corporais e de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano e um direito do cidadão, em busca de uma melhor qualidade de vida.

## Referências Curriculares para o 6º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Conhecer, valorizar, apreciar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas, adotando uma postura não preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, culturais ou de gênero.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa sobre práticas da cultura corporal mais divulgadas pela mídia.</li> <li>◦ Aprofundamento a respeito da origem histórica, regras e evolução de um esporte escolhido pelo grupo para o semestre.</li> <li>◦ Disponibilidade para apresentar e explicar aos colegas o que aprenderam e descobriram sobre a modalidade escolhida, assim como para escutar os colegas sobre o que descobriram e aprenderam.</li> <li>◦ Ampliação do repertório motor.</li> <li>◦ Valorização de cada prática como momento de convivência em grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> <li>◦ Respeito à diversidade de habilidades e características particulares do grupo no que diz respeito às práticas da cultura corporal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre práticas da cultura corporal mais divulgadas na mídia (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação das práticas da cultura corporal mais frequentes na mídia: Esportes coletivos ou individuais? Lutas? Ginástica? Danças? O que é mais difundido?</li> <li>◦ Roda de conversa para eleger uma modalidade esportiva a ser aprofundada. Apresentação inicial do que já conhecem e, após pesquisas, do que descobriram sobre a modalidade: as principais regras, movimentos e gestos; como surgiu a modalidade, onde e por quem era praticada e mudanças ao longo do tempo.</li> <li>◦ Processo de apresentação, argumentação e votação. Os alunos deverão defender suas ideias sobre porque praticar essa ou aquela modalidade esportiva, de forma a ampliar os critérios de escolha do que praticarão.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre a atividade, identificando as principais regras e dificuldades encontradas, indicando possíveis adaptações para a vivência na escola. Os alunos, mediados pelo professor, deverão considerar a diversidade de habilidades presentes no grupo e as características de seus integrantes, favorecendo a participação e a inclusão de todos.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da pesquisa realizada, seu conteúdo e adequação à proposta; avaliando o quanto o aluno ampliou o conhecimento e contribuiu com novas práticas trazidas para a vivência do grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações cotidianas: a qualidade da sua participação nas decisões e encaminhamentos em grupo, a clareza na expressão de idéias e sentimentos, capacidade de falar após escutar os colegas considerando os argumentos colocados etc.</li> <li>- do processo de escolha das atividades, da argumentação e da votação baseada em critérios construídos a partir da participação em todo o processo;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, contribuição com propostas que viabilizem a participação de todos, do prazer que tem em participar e de superar dificuldades através de uma prática consciente.</li> </ul> </li> </ul>

<p>Participar de atividades competitivas e cooperativas, envolvendo jogos e esportes, refletindo sobre o próprio desempenho e o dos demais e expressando opiniões quanto a atitudes, regras e estratégias a serem utilizadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em jogos e esportes que evidenciem habilidades e dificuldades.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e o dos demais.</li> <li>◦ Participação em atividades adaptadas a partir de um esporte envolvendo diferentes habilidades.</li> <li>◦ Conceito de habilidade motora.</li> <li>◦ Disponibilidade para definir regras e combinados nos jogos e esportes, como forma de ajustar e regular os desafios da prática à diversidade de habilidades presentes no grupo.</li> <li>◦ Adequação da prática ao grupo, favorecendo a participação de todos na definição de estratégias.</li> <li>◦ Disponibilidade para comentar e debater as situações de conflitos que possam surgir durante as práticas.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os significados da vitória e da derrota presentes nos jogos e esportes relacionando com as estratégias utilizadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de vivência de jogos e esportes, relacionando o desempenho com as habilidades envolvidas (como foi a participação no jogo ou esporte - <i>desempenho</i> - e o que acredita ter sido a causa do sucesso/insucesso na atividade - <i>habilidades envolvidas</i>).</li> <li>◦ Roda de conversa após a prática dos jogos e esportes, estimulando as falas sobre como se perceberam na atividade e como perceberam a participação do grupo.</li> <li>◦ Situações de análise do esporte, destacando os principais fundamentos envolvidos para a criação de pequenos jogos que favoreçam o desenvolvimento destes. Exemplo: no caso do futebol, destacando o fundamento do passe, pode ser criado um jogo a partir de uma variação do “bobinho” com apenas um toque na bola.</li> <li>◦ Situações de vivência de jogos e esportes com possibilidade de elaboração de estratégias de ataque e defesa, favorecendo a compreensão das regras e das adaptações necessárias para a inclusão de todos. Exemplo: iniciar com um jogo livre de handebol e, no decorrer do jogo, propor que os times combinem estratégias de ataque e defesa.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre as regras dos jogos e as adaptações sobre as regras dos esportes, avaliando como a atividade aconteceu, a participação e a motivação etc.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno procede nas diferentes situações (competitivas e cooperativas) - de entendimento do jogo na utilização de procedimentos técnicos e táticos pelos alunos.</li> <li>- da evolução na capacidade de identificar suas habilidades e dificuldades durante a prática;</li> <li>- da evolução na elaboração das regras que atendam ao desenvolvimento das habilidades individuais e coletivas;</li> <li>- sobre as propostas do aluno de alteração nas regras dos esportes e jogos, explicitando a relação com a modalidade original;</li> <li>- sobre as propostas do aluno com relação às estratégias para obtenção do êxito durante os jogos e esportes;</li> <li>- sobre a relação que o aluno estabelece entre ganhar e perder e com as estratégias utilizadas;</li> <li>- sobre a evolução coletiva na resolução de conflitos a partir do diálogo.</li> </ul> </li> </ul>



		<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações em que os alunos tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre a variação do grau de dificuldade, a partir da alteração de algumas regras, tendo como referência o jogo ou esporte original. Exemplo: a partir de dificuldades apresentadas na vivência do vôlei, permitir que a recepção possa ser feita segurando a bola, permitir dois pingos etc.</li> <li>◦ Situações em que os alunos expressem seus sentimentos sobre situações concretas de vitória e derrota vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre as estratégias utilizadas.</li> </ul>	
<p>Avaliar e refletir sobre seu próprio desempenho e dos demais, em práticas individuais e coletivas, identificando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas, relacionando com alguns princípios básicos da fisiologia do exercício e da aprendizagem motora.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em modalidades individuais e coletivas.</li> <li>◦ Conceito de capacidade física.</li> <li>◦ Identificação das capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas nessas modalidades.</li> <li>◦ Compreensão de princípios básicos da fisiologia do exercício como desenvolvimento da resistência aeróbica e da força</li> <li>◦ Estabelecimento de relação entre o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras com as características pessoais e as vivências anteriores (atividades praticadas pelos alunos anteriormente, na escola ou fora dela).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Prática dos esportes escolhidos pelos alunos, com mediação do professor, para o semestre.</li> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno na atividade realizada, estimulando as falas sobre como elas se perceberam na atividade e a participação do grupo, por exemplo, se acharam o jogo fácil, se fizeram muitos pontos, se participaram ativamente das jogadas ou se ficaram mais a parte, se encontraram dificuldades e por que, etc</li> <li>◦ Discussão das dificuldades apresentadas tanto em relação às habilidades e gestos específicos quanto à capacidade física envolvida. Exemplo: precisão do arremesso no basquete, força do arremesso no handebol etc.</li> <li>◦ Confecção de um cartaz com os aspectos limitantes do desenvolvimento da atividade levantados pelo grupo. Por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> <li>- no Basquete, poucos arremessos convertidos;</li> <li>- no vôlei, a bola cai muito no chão e o saque</li> </ul> </li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa das atividades: se participa ativamente, consegue jogar com o grupo, demonstra prazer em participar, etc.;</li> <li>- da evolução do desempenho individual: do gesto nas situações de jogo, do número de acertos, de uma capacidade física relacionada ao gesto, como, por exemplo, força no arremesso na cesta de basquete, ao gol no handebol, etc.;</li> <li>- da evolução do desempenho do grupo quanto a jogar junto: nos jogos de exercício criados, na maior participação de todos nas atividades;</li> <li>- do número de atividades</li> </ul> </li> </ul>

		<p>não passa a rede etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Prática de jogos e jogos de exercício<sup>1</sup> que utilizem as habilidades presentes no cartaz, relacionando o volume de prática (número de repetições) com a aprendizagem e aperfeiçoamento das habilidades motoras e das capacidades físicas.</li> <li>◦ Anotação e avaliação do desempenho individual e do grupo seguida do estabelecimento de objetivos e metas.</li> <li>◦ Roda de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos pretendidos.</li> </ul>	<p>propostas, a partir dos registros do cartaz, para a evolução das capacidades e habilidades ;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- das relações estabelecidas entre o tipo (jogos e jogos de exercício) e volume e intensidade de prática (número de repetições, tempo de duração da prática) e o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras.</li> </ul>
<p>Organizar e fazer uso das práticas da cultura corporal como recurso para usufruir o tempo livre, valorizando-as e demonstrando capacidade de alterar as regras convencionais para torná-las mais adequadas ao grupo, favorecendo a inclusão dos praticantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Conceito de lazer.</li> <li>◦ Pesquisa sobre práticas da cultura corporal que representem atividades de lazer para o grupo visando a ampliação do repertório de práticas conhecidas.</li> <li>◦ Escolha de práticas para serem vivenciadas pelo grupo.</li> <li>◦ Análise das principais regras das práticas escolhidas.</li> <li>◦ Compreensão e disponibilidade para intervenção nos elementos que compõem as regras como forma de criação e transformação.</li> <li>◦ Disponibilidade para apresentar e explicar aos colegas as práticas escolhidas como lazer e suas alterações, assim como para escutar as apresentadas pelos colegas.</li> <li>◦ Disponibilidade para organizar e se responsabilizar pelo desenvolvimento das práticas adequando espaço e materiais.</li> <li>◦ Ampliação e valorização do repertório de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Roda de conversa em que os alunos verbalizem as suas preferências sobre as práticas da cultura corporal de movimento como forma de lazer.</li> <li>◦ Entrevista com os pais, parentes e na comunidade sobre práticas da cultura corporal utilizadas como lazer (danças, jogos, esportes etc.).</li> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre jogos e brincadeiras com finalidade de lazer (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação das práticas da cultura corporal pesquisadas, suas regras, espaço e materiais necessários.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre a atividade, identificando as principais regras e dificuldades encontradas e possíveis adaptações para a</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da entrevista e da pesquisa realizada, avaliando o quanto o aluno ampliou o conhecimento e contribuiu com novas práticas trazidas para a vivência do grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações cotidianas, a qualidade da sua participação nas decisões e encaminhamentos em grupo: a clareza na expressão de idéias e sentimentos, capacidade de falar após escutar os colegas considerando os argumentos colocados, etc.;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: <ul style="list-style-type: none"> <li>▫ grau de compreensão da atividade e das regras;</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>

<sup>1</sup> Neste documento, adotamos o termo jogo de exercício para as atividades de caráter individual, em duplas ou trios que possibilitam estabelecer metas, marcar acertos e erros e que favorecem avaliar o desempenho e a evolução. O que diferencia o jogo de exercício do exercício é a relação de aprendizagem do aluno durante a atividade: na situação de jogo de exercício sempre será necessário ajustar a ação com a resposta do outro, mantendo assim a característica de imprevisibilidade que aproxima o jogo de exercício da prática real do esporte, diferentemente do exercício que recorta um fundamento e o pratica isoladamente.

	<p>práticas para a convivência e lazer.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir os sentimentos, as ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<p>vivência na escola.</p> <p><u>Observação:</u></p> <p>Os alunos, mediados pelo professor, deverão considerar a diversidade de habilidades presentes no grupo e as características de seus integrantes, favorecendo a participação e a inclusão de todos. É interessante também definir junto com os alunos algumas aulas em que a organização de diferentes espaços de atividade que favoreça uma mesma prática, com regras diferenciadas, e outros dias em que se organize simultaneamente diferentes práticas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações em que os alunos possam trabalhar em grupo a criação e transformação a partir dos jogos e brincadeiras praticados.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam explicar, organizar e responsabilizar-se pelo desenvolvimento dos novos jogos e brincadeiras criados/transformados pelo grupo.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ contribuição com propostas que viabilizem a participação de todos (número de propostas/sugestões que viabilizaram a participação de todos);</li> <li>◦ envolvimento durante a atividade;</li> <li>◦ prazer que tem em participar.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa no trabalho em grupo demonstrando compreensão da proposta, contribuindo com sugestões para a solução dos problemas/desafios apresentados;</li> <li>- da evolução na qualidade da verbalização durante as explicações das atividades e expressão de sentimentos e idéias;</li> <li>- da participação do aluno na organização da prática para o grupo.</li> </ul>
<p>Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas lutas, ginásticas e danças, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em lutas, ginásticas e danças que evidenciem as capacidades físicas e habilidades motoras.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais.</li> <li>◦ Conceito de habilidade motora.</li> <li>◦ Conceito de capacidade física.</li> <li>◦ Participação em atividades adaptadas enfatizando diferentes capacidades e habilidades.</li> <li>◦ Disponibilidade para definir metas pessoais como forma de ajustar e regular os desafios da prática.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de vivência de lutas, ginásticas e danças .</li> <li>◦ Roda de conversa após a prática das lutas, ginásticas e danças, estimulando as falas sobre as capacidades físicas (força, resistência, flexibilidade, velocidade) e as habilidades motoras (coordenação, ritmo) envolvidas.</li> <li>◦ Situações de aprofundamento e reflexão sobre os conceitos das capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas.</li> <li>◦ Vivência de diferentes práticas da cultura corporal que ampliem as relações entre teoria e prática a respeito das capacidades físicas e habilidades motoras discutidas. Exemplo: capoeira ou ginástica artística - alguns</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa das diferentes práticas da cultura corporal: se participa ativamente, consegue participar das atividades com o grupo, demonstra prazer em participar, etc.;</li> <li>- da capacidade do aluno de identificar as capacidades físicas e habilidades motoras nas diferentes práticas;</li> <li>- da evolução do aluno na</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Adequação das propostas de práticas ao grupo, favorecendo a participação de todos, considerando a diversidade de capacidades físicas e habilidades motoras presentes no grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os efeitos e benefícios das diferentes práticas, relacionando suas características pessoais e necessidades às capacidades e habilidades envolvidas.</li> </ul>	<p>movimentos que requeiram flexibilidade, jogos de invasão e conquista que mobilizem a corrida e permitam estabelecer relação com a resistência aeróbia ou a velocidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de análise das atividades vivenciadas, destacando as dificuldades encontradas individualmente e pelo grupo, seguidas de criação de adaptações nas atividades que favoreçam o desenvolvimento das capacidades físicas e/ou habilidades motoras relacionadas a essas dificuldades.</li> </ul> <p><u>Observação:</u> Analisar também as possíveis dificuldades de natureza emocional (dificuldade de exposição, inibição etc.) e considerá-las nas intervenções para superação e desenvolvimento pessoal do aluno.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Construção de instrumentos (fichas de controle) apontando metas pessoais e desafios a serem alcançados.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam partilhar as estratégias que utilizaram com sucesso, a fim de atingir as metas a que se propuseram.</li> <li>◦ Roda de conversa sobre o resultado das fichas de acompanhamento e a percepção do efeito da prática sobre as capacidades e habilidades envolvidas.</li> </ul>	<p>capacidade de identificar suas habilidades e dificuldades durante a prática;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da evolução na elaboração de estratégias que atendam ao desenvolvimento das capacidades e habilidades individuais e coletivas.</li> </ul>
<p>Construir, criar e adaptar materiais e espaços para a promoção de atividades corporais, favorecendo a ampliação das vivências relacionadas à cultura corporal de movimento mais veiculadas pela mídia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação no processo de criação e adaptação de materiais e espaços para a práticas individuais e coletivas.</li> <li>◦ Identificação das práticas da cultura corporal mais veiculadas pela mídia.</li> <li>◦ Reflexão sobre as principais “causas” para a maior divulgação de algumas práticas em detrimento de outras.</li> <li>◦ Pesquisa sobre as práticas pouco divulgadas pela mídia levantadas como de interesse do grupo.</li> <li>◦ Prática das atividades pesquisadas,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Atividade prática de um esporte não usual, pouco divulgado pela mídia( Ex: hóquei sobre patins ou na grama, cricket) escolhido pelo professor como estímulo à criação e adaptação dos materiais e espaços.</li> </ul> <p>[Informações em: <a href="http://olimpiadas.uol.com.br/2008/modalidades-olimpicas/hoquei-na-grama/">http://olimpiadas.uol.com.br/2008/modalidades-olimpicas/hoquei-na-grama/</a> <a href="http://cricketbh.blogspot.com/2009/03/materia-traduzida-sobre-o-cricket-no.html">http://cricketbh.blogspot.com/2009/03/materia-traduzida-sobre-o-cricket-no.html</a>]</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Roda de conversa abordando o que os alunos identificaram como práticas mais divulgadas pela mídia e discussão das hipóteses sobre o</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa de atividades diversificadas (não usuais); se participa ativamente, consegue participar das atividades com o grupo, demonstra prazer em participar, etc</li> <li>- da evolução na capacidade do aluno de formular hipóteses e comunicá-las para o grupo;</li> </ul> </li> </ul>

	<p>analisando-as por referências às características pessoais e vivências anteriores (atividades praticadas pelos alunos anteriormente, na escola ou fora dela), quanto à identificação pessoal, facilidades e dificuldades.</p>	<p>que justifica essa predominância.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Trabalho de pesquisa em grupo sobre práticas pouco divulgadas selecionadas para o trabalho no semestre.</li> <li>◦ Exposição dos resultados da pesquisa e prática da atividade organizada pelo grupo e mediada pelo professor.</li> <li>◦ Eleição de práticas a serem vivenciadas com a construção de materiais e adaptação de espaços pelo grupo.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas e adaptadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos e podendo sugerir novas intervenções para melhor adequação da prática ao grupo.</li> <li>◦ Roda de conversa para refletir sobre a relação estabelecida entre as práticas oficiais e as adaptadas à escola.</li> <li>◦ Situações de debate para identificação das principais dificuldades e das formas de superação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa no trabalho em grupo demonstrando compreensão da proposta, contribuindo com sugestões para a solução dos problemas apresentados;</li> <li>- da participação do aluno na organização da prática para o grupo;</li> <li>- da evolução do desempenho individual e do grupo; dos gestos na prática das atividades escolhidas, quanto a participação nas adaptações criadas para a atividade escolhida, na maior participação de todos nas atividades, etc</li> <li>- das relações estabelecidas entre as atividades praticadas e as características pessoais na identificação e apreço por uma atividade ou outra</li> </ul>
--	---	--	---

## Referências Curriculares para o 7º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Conhecer, valorizar, apreciar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas, reconhecendo as diferenças de desempenho presentes no grupo, adotando uma atitude que favoreça a participação de todos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa sobre práticas da cultura corporal pouco ou não divulgadas pela mídia.</li> <li>◦ Disponibilidade para conhecer práticas diferenciadas percebendo-as como ampliação das possibilidades para os momentos de lazer.</li> <li>◦ Disponibilidade para apresentar e explicar aos colegas o que aprenderam e descobriram sobre a modalidade escolhida, assim como para escutar os colegas sobre o que descobriram e aprenderam.</li> <li>◦ Ampliação do repertório motor.</li> <li>◦ Valorização de cada prática como momento de convivência em grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, idéias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre práticas da cultura corporal pouco divulgadas na mídia (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação das práticas da cultura corporal que não são frequentes na mídia: esportes coletivos ou individuais característicos de outras regiões. Atividades com materiais diferenciados como skate, patins, bicicleta. Adaptação de esportes como hóquei na grama, tênis, golfe. Esportes muito antigos ou contemporâneos.</li> <li>◦ Processo de apresentação, argumentação e votação. Os alunos deverão defender suas ideias sobre porque praticar essa ou aquela modalidade esportiva, de forma a ampliar o interesse por novas práticas.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre a atividade, identificando as principais regras e dificuldades encontradas, indicando possíveis adaptações para a vivência na escola. Os alunos, mediados pelo professor, deverão considerar a diversidade de habilidade presentes no grupo e as características de seus integrantes, favorecendo a participação e a inclusão de todos.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da pesquisa realizada, avaliando o quanto o aluno ampliou o conhecimento e contribuiu com novas práticas trazidas para a vivência do grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações vivenciadas nas aulas, bem como a qualidade da sua participação nas decisões e encaminhamentos em grupo;</li> <li>- de como o aluno lida com situações de resolução de problemas;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, contribuição com propostas que viabilizem a participação de todos, prazer que tem em participar.</li> </ul> </li> </ul>

<p>Participar de atividades competitivas e cooperativas envolvendo jogos e esportes, refletindo sobre o próprio desempenho e dos demais, participando efetivamente na elaboração das estratégias a serem utilizadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em jogos e esportes que evidenciem habilidades e dificuldades.</li> <li>◦ Conceito de habilidade e capacidade - motora, cognitiva na resolução de problemas, sócio-afetiva no trabalho em grupo.</li> <li>◦ Observação e apreciação do desempenho de outros praticantes.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais.</li> <li>◦ Elaboração e participação em atividades adaptadas que favoreçam o desenvolvimento de diferentes habilidades.</li> <li>◦ Disponibilidade para definir regras e combinados nos jogos e esportes, ajustando e regulando os desafios da prática à diversidade de habilidades do grupo.</li> <li>◦ Análise da prática de jogos e esportes, identificando as principais estratégias de ataque e defesa.</li> <li>◦ Análise da prática de jogos de característica cooperativa, identificando as principais estratégias e ou hipóteses para resolução da situação problema apresentada ao grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para expressar no grupo suas ideias quanto às estratégias de ataque e defesa.</li> <li>◦ Disponibilidade para comentar e debater as estratégias criadas para o grupo ou em grupo, após sua aplicação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de vivência de jogos e esportes relacionando o desempenho com as habilidades e capacidades envolvidas.</li> <li>◦ Situações de observação de modelos (colegas, registros em vídeo etc.) em relação a aspectos técnicos e táticos, situando os alunos no que diz respeito tanto às ações coordenadas e executadas com êxito quanto àquelas em que o êxito não é obtido.</li> <li>◦ Situações de análise e reflexão das estratégias utilizadas nos jogos cooperativos e nos jogos competitivos relacionando-as com as habilidades e capacidades mobilizadas em cada situação.</li> <li>◦ Roda de conversa onde os alunos possam relatar o que percebem da atuação uns dos outros em situação de jogo, enfatizando os aspectos técnicos relativos aos fundamentos e os aspectos táticos relacionados às estratégias combinadas.</li> <li>◦ Situações de análise do futebol e do handebol (por serem mais simples e/ou conhecidos quanto aos gestos e estratégias) destacando os principais fundamentos envolvidos, bem como as estratégias de ataque e defesa básicas utilizadas.</li> <li>◦ Criação de pequenos jogos de exercício<sup>2</sup> que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento na modalidade. Exemplo: no caso do futebol, em relação a passe, drible e marcação, o jogo criado pode ser 3x3 “futebol caixote”.</li> <li>◦ Situações de vivência de jogos e esportes</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno procede nas diferentes situações (competitivas e cooperativas); se participa ativamente, consegue participar das atividades com o grupo, demonstra prazer em participar, participa na resolução dos conflitos, etc</li> <li>- da evolução na capacidade de comparar e identificar suas habilidades e dificuldades durante a prática;</li> <li>- da evolução na elaboração de regras que atendam ao desenvolvimento das habilidades individuais e coletivas;</li> <li>- sobre as propostas do aluno de alteração nas regras dos esportes e jogos, explicitando a relação com a modalidade original;</li> <li>- sobre as propostas do aluno de alteração nas regras dos esportes ajustando aos diferentes desafios do grupo com a criação de diversos espaços de prática;</li> <li>- sobre as propostas do aluno com relação às estratégias para obtenção do êxito durante os jogos e esportes;</li> <li>- sobre a relação que o aluno estabelece entre ganhar e perder e qual o papel das estratégias utilizadas nessa relação;</li> </ul> </li> </ul>
--	--	---	--

<sup>2</sup> Neste documento, adotamos o termo jogo de exercício para as atividades de caráter individual, em duplas ou trios que possibilitam estabelecer metas, marcar acertos e erros e que favorecem avaliar o desempenho e a evolução. O que diferencia o jogo de exercício do exercício é a relação de aprendizagem do aluno durante a atividade: na situação de jogo de exercício sempre será necessário ajustar a ação com a resposta do outro, mantendo assim a característica de imprevisibilidade que aproxima o jogo de exercício da prática real do esporte, diferentemente do exercício que recorta um fundamento e o pratica isoladamente.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os significados da vitória e da derrota presentes nos jogos e esportes, relacionando com as estratégias utilizadas</li> </ul>	<p>com possibilidade de elaboração de estratégias de ataque e defesa, favorecendo a compreensão das regras e das adaptações necessárias para a inclusão de todos. Exemplo: iniciar com um jogo livre de handebol e, no decorrer do jogo, propor que os times combinem estratégias de ataque e defesa alternando entre as estratégias de marcação individual e coletiva.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre as regras dos jogos e as adaptações sobre as regras dos esportes, avaliando como a atividade aconteceu, a participação e a motivação do grupo.</li> <li>◦ Situações em que os alunos tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre a diferenciação do grau de dificuldade para diferentes grupos, a partir da alteração de algumas regras, tendo como referência o jogo ou esporte original. Exemplo: a partir de dificuldades apresentadas na vivência do vôlei, criar diversas mini-quadras (2x2 e 3x3), onde, em cada uma delas, as regras sejam específicas ao desafio dos jogadores: recepção ser feita segurando a bola, permitir um pingou, segurar depois da recepção, sacar por baixo, primeira recepção sempre com manchete etc.</li> <li>◦ Situações em que os alunos expressem seus sentimentos sobre situações concretas de vitória e derrota vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre as estratégias utilizadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- sobre a evolução coletiva na resolução de conflitos a partir do diálogo.</li> </ul>
<p>Avaliar e refletir sobre seu próprio desempenho e dos demais, em práticas individuais e coletivas, identificando as capacidades físicas e habilidades motoras</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em modalidades individuais e coletivas.</li> <li>◦ Identificação das capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas nessas modalidades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Atividade prática dos esportes escolhidos pelos alunos, com mediação do professor, elaboração de cronograma de vivências para o semestre.</li> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno na atividade</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa das atividades; se participa ativamente, consegue participar das atividades</li> </ul> </li> </ul>



<p>envolvidas, compreendendo que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento decorrem da continuidade e da regularidade das práticas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Conceito de capacidade física e habilidade motora.</li> <li>◦ Identificação de movimentos automatizados para ampliação de recursos motores, gestuais e de consciência corporal.</li> <li>* Compreensão e vivência dos aspectos relacionados à repetição e à qualidade do movimento na aprendizagem do gesto esportivo.</li> <li>◦ Compreensão de princípios básicos da fisiologia do exercício (volume e intensidade).</li> <li>◦ Relação entre o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras com as características pessoais e as vivências anteriores (atividades praticadas pelos alunos anteriormente, na escola ou fora dela).</li> </ul>	<p>realizada, estimulando as falas sobre como se percebem na atividade e a participação do grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de jogos de exercício com muitas ações dos gestos que se busca automatizar. Exemplo: no caso do drible no basquete, tentar roubar a bola do companheiro ao mesmo tempo em que quica sua bola.</li> <li>◦ Levantamento das dificuldades apresentadas tanto em relação às habilidades e gestos específicos quanto à capacidade física envolvida. Exemplo: precisão do arremesso no basquete, força do arremesso no handebol etc.</li> <li>◦ Elaboração de uma ficha individual com os aspectos limitantes do desenvolvimento da atividade levantados individualmente ou em pequenos grupos. Por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> <li>- no basquete: evolução dos gestos automatizados: <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ em relação ao drible: desempenho no jogo exercício de roubar a bola;</li> <li>◦ em relação ao arremesso: número de acertos em situação parada de exercício e em situação de jogo.</li> </ul> </li> <li>- no vôlei: evolução no domínio dos fundamentos. <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ em relação ao toque: número de toques em situação de jogo de exercício e número de acertos em situação de jogo;</li> <li>◦ em relação ao saque: número de acertos estabelecendo distâncias</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>	<p>com o grupo, demonstra prazer em participar, envolve-se com as propostas, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da evolução do próprio desempenho em relação aos gestos que já podem ser realizados automaticamente sem prejuízo da qualidade<sup>3</sup>;</li> <li>- sobre as fichas, verificando as relações estabelecidas entre prática e desenvolvimento de habilidades e capacidades;</li> <li>- sobre as fichas, verificando a evolução da aprendizagem e o estabelecimento de novas metas;</li> <li>- das relações estabelecidas entre o tipo (frequência, volume e intensidade) da prática com o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras.</li> </ul>
---	---	--	---

<sup>3</sup> “A repetição pura e simples, realizada de forma mecânica e desatenta, além de ser desagradável, pode resultar num automatismo estereotipado. Assim, em cada situação é necessário que o professor analise quais dos gestos envolvidos já podem ser realizados automaticamente, sem prejuízo de qualidade, e quais solicitam a atenção do aluno no controle de sua execução. A intervenção do professor se dá a fim de criar situações em que os automatismos sejam insuficientes para a realização dos movimentos e que a atenção seja necessária para o seu aperfeiçoamento.” PCN Educação Física 3º e 4º ciclo, pág. 52, MEC 1998.

		<p>cada vez maiores em relação à rede até atingir a distância da quadra.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Prática de jogos e jogos de exercício que utilizem as habilidades presentes nas fichas, relacionando o volume de prática (número de repetições) com a aprendizagem e aperfeiçoamento das habilidades motoras e das capacidades físicas.</li> <li>◦ Anotação e avaliação do desempenho individual e do grupo seguida do estabelecimento de objetivos e metas.</li> <li>◦ Roda de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos pretendidos.</li> </ul>	
<p>Organizar e fazer uso das práticas da cultura corporal como recurso para usufruir o tempo livre, valorizando-as e demonstrando capacidade de alterar as regras convencionais para torná-las mais adequadas ao grupo, favorecendo a inclusão dos praticantes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Ampliação da identificação das práticas da cultura corporal de movimento como forma de lazer.</li> <li>◦ Conceito de lazer relacionado às práticas da cultura corporal.</li> <li>◦ Pesquisa de novas práticas da cultura corporal que representem atividades de lazer para o grupo.</li> <li>◦ Escolha de práticas para serem vivenciadas pelo grupo, explicitando critérios.</li> <li>◦ Análise das principais regras e materiais necessários para as práticas escolhidas.</li> <li>◦ Compreensão e disponibilidade para intervenção nos elementos que compõem as regras das práticas, como forma de criação e transformação.</li> <li>◦ Disponibilidade para apresentar e explicar aos colegas as práticas escolhidas como lazer e suas alterações, assim como para escutar as apresentadas pelos colegas.</li> <li>◦ Disponibilidade para organizar e se responsabilizar pelo desenvolvimento das práticas, adequando espaço e materiais.</li> <li>◦ Ampliação e valorização do repertório de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Roda de conversa em que os alunos verbalizem as suas preferências sobre a práticas da cultura corporal de movimento como forma de lazer.</li> <li>◦ Entrevista com os pais, familiares e na comunidade sobre práticas da cultura corporal utilizadas como lazer (danças, jogos, esportes etc.).</li> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre práticas consideradas como atividades de lazer para o grupo (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação das práticas da cultura corporal pesquisadas, bem como levantamento das características de atividades voltadas para o lazer.</li> <li>◦ Processo de apresentação, argumentação e votação, em que seja necessário defender suas ideias sobre porque praticar essa ou aquela atividade, tendo em vista as características levantadas com relação ao lazer.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da entrevista e da pesquisa realizada, avaliando o quanto o aluno ampliou o conhecimento e contribuiu com novas práticas trazidas para a vivência do grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa e nas diferentes situações durante as aulas, a qualidade da sua participação nas decisões e encaminhamentos em grupo;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ grau de compreensão da atividade e das regras;</li> <li>◦ contribuição com propostas que viabilizem a participação de todos;</li> <li>◦ envolvimento durante a atividade;</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>

	<p>práticas para a convivência e lazer.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Apresentação e organização das práticas escolhidas(cronograma de atividades), considerando as justificativas para possíveis adaptações feitas pelo grupo.( o que torna uma prática mais adequada e exequível no ambiente escolar frente a outra).</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre a atividade, identificando as principais regras e dificuldades encontradas, indicando possíveis adaptações para a vivência na escola.</li> </ul> <p><u>Observação:</u></p> <p>Os alunos, mediados pelo professor, deverão considerar a diversidade de habilidade presentes no grupo e as características de seus integrantes, favorecendo a participação e a inclusão de todos. É interessante também definir junto com os alunos algumas aulas em que a organização de diferentes espaços de atividade favoreça uma mesma prática, com regras diferenciadas, e outros dias em que se organize simultaneamente diferentes práticas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ nível de satisfação que demonstra durante a participação.</li> <li>◦ de como o aluno participa no trabalho em grupo, demonstrando compreensão da proposta e contribuindo com sugestões para a solução dos problemas apresentados;</li> <li>◦ da evolução na qualidade da verbalização durante as explicações das atividades e expressão de sentimentos e idéias;</li> <li>◦ da participação do aluno na organização da prática para o grupo.</li> </ul>
<p>Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas ginásticas considerando seus próprios limites e possibilidade, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em diferentes manifestações ginásticas evidenciando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais.</li> <li>◦ Criação, adaptação e participação em atividades ginásticas, individuais e coletivas, enfatizando diferentes capacidades e habilidades.</li> <li>◦ Disponibilidade para definir metas pessoais como forma de ajustar e regular os desafios da prática.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de vivência de diferentes manifestações ginásticas (ginástica para condicionamento físico, circuitos aeróbicos, circuitos com trabalho de força, ginástica artística, circense etc.), evidenciando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas.</li> <li>◦ Rodas de conversa sobre facilidades e dificuldades com relação aos movimentos ginásticos envolvendo diferentes habilidades e capacidades.</li> <li>◦ Situações de observação de modelos (vídeos de olimpíadas, apresentações de</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno procede nas diferentes práticas da cultura corporal; se participa ativamente, consegue participar das atividades com o grupo, nível de satisfação em participar, envolve-se com as propostas, etc.</li> <li>- da evolução na capacidade de comparar e identificar suas habilidades e dificuldades durante a</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Adequação da prática de ginásticas coletivas ao grupo, favorecendo a participação de todos e considerando a diversidade de capacidades físicas e habilidades motoras presentes no grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os efeitos e benefícios das diferentes práticas, relacionando suas características pessoais e necessidades às capacidades e habilidades envolvidas.</li> </ul>	<p>circo, competições de ginástica de academia, ginásticas orientais etc.), ampliando a visão sobre possibilidades dentro desse universo gestual.</p> <p>[Vídeo sobre essas práticas podem ser facilmente encontrados no <a href="http://www.youtube.com">www.youtube.com</a>]</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de criação, adaptação e participação em atividades ginásticas, partindo dos modelos observados e relacionando às habilidades e capacidades que desenvolvem.</li> <li>◦ Construção de instrumentos (fichas de controle) apontando metas pessoais e desafios a serem alcançados.</li> <li>◦ Eleição de uma das práticas para uma construção coletiva (uma apresentação de circo, uma coreografia ginástica etc.), considerando a diversidade de capacidades físicas e habilidades motoras presentes no grupo.</li> </ul> <p><u>Observação:</u></p> <p>Nessa proposta, trata-se de oferecer oportunidades para que os alunos possam se inserir no trabalho coletivo a partir das suas capacidades e habilidades. No entanto, essas escolhas são fruto de uma autoavaliação e reflexão permanente sobre como evoluir e lidar positivamente com as dificuldades.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Rodas de conversa enfatizando como os alunos perceberam os efeitos das diferentes práticas, relacionando suas características pessoais e necessidades às capacidades físicas e habilidades motoras trabalhadas.</li> </ul>	<p>prática e estabelecer metas;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- das propostas do aluno na construção coletiva;</li> <li>- da evolução do aluno com relação à percepção da diversidade e adequação das práticas ao grupo;</li> <li>- da compreensão dos conceitos de capacidades físicas e habilidades motoras relacionados às manifestações ginásticas desenvolvidas;</li> <li>- da evolução da capacidade de registrar a evolução nas fichas analisando o trabalho realizado.</li> </ul>
<p>Construir, criar e adaptar materiais e espaços para a promoção de atividades corporais, favorecendo e estimulando a ampliação das vivências relacionadas à</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação no processo de criação e adaptação de materiais e espaços para as práticas individuais e coletivas.</li> <li>◦ Identificação das práticas da cultura corporal mais veiculadas pela mídia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações em que os alunos participem da escolha de um esporte veiculado pela mídia que necessite algum tipo de intervenção no espaço disponível e/ou materiais utilizados. (Exemplo: rúgbi com adaptação para jogo em quadra e adaptação do</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa com propostas no processo de criação e</li> </ul> </li> </ul>

<p>cultura corporal de movimento mais veiculadas pela mídia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Reflexão sobre as características das modalidades mais divulgadas pela mídia (imprevisibilidade de resultados, grau de motivação relacionado à dinâmica de pontuação, potencial de espetáculo televisivo etc.).</li> <li>◦ Pesquisa sobre as práticas pouco divulgadas pela mídia identificadas como de interesse do grupo.</li> <li>◦ Prática das atividades pesquisadas e identificação de possibilidade de utilização das mesmas nos tempos livres na escola.</li> <li>◦ Prática das atividades pesquisada e reflexão sobre o potencial para a integração entre meninos e meninas.</li> </ul>	<p>material com utilização de bolas diferenciadas; beisebol com adaptação para jogo em quadra ou campo, construção de bases, adaptação de tacos e bolas etc.)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Rodas de conversa para reflexão sobre as modalidades mais divulgadas pela mídia, identificando as características que as tornam de interesse do público.</li> <li>◦ Trabalho de pesquisa em grupo sobre práticas pouco divulgadas selecionadas.</li> <li>◦ Exposição da pesquisa, levantamento de hipóteses sobre a pequena presença na mídia dessas modalidades e prática da atividade organizada pelo grupo e mediada pelo professor.</li> <li>◦ Eleição de práticas a serem vivenciadas com a construção de materiais e adaptação de espaços.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas e adaptadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos e o surgimento de novas intervenções para melhor adequação da prática ao grupo.</li> <li>◦ Roda de conversa para refletir sobre a relação estabelecida entre as atividades praticadas e a possibilidade de utilização das mesmas nos tempos livres na escola e sobre o potencial para a integração entre meninos e meninas.</li> </ul>	<p>adaptação de materiais;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da evolução na capacidade do aluno de comunicar suas hipóteses para o grupo;</li> <li>- de como o aluno participa no trabalho em grupo demonstrando compreensão da proposta e contribuindo com sugestões para a solução dos problemas apresentados;</li> <li>- da participação do aluno na exposição e da organização da prática para o grupo;</li> <li>- da participação do aluno nas atividades selecionadas;</li> <li>- das relações estabelecidas entre as atividades praticadas e a utilização das mesmas nos tempos livres na escola e sobre o potencial para a integração entre meninos e meninas.</li> </ul>
--	---	---	--

## Referências Curriculares para o 8º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Conhecer, valorizar, apreciar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas. Relacionar a diversidade de manifestações da cultura corporal de seu ambiente e de outros, com o contexto em que são produzidos e valorizados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa na comunidade sobre práticas da cultura corporal relacionadas ao esporte competitivo.</li> <li>◦ Conceito de: esporte educacional, esporte participação e esporte de rendimento.</li> <li>◦ Identificação e comparação das características do esporte profissional (alto rendimento) e escolar (educacional).</li> <li>◦ Escolha de um esporte para aperfeiçoamento dentro das possibilidades do grupo.</li> <li>◦ Ampliação de recursos (conceituais, motores, táticos, técnicos) para obter eficiência e satisfação.</li> <li>◦ Pesquisa sobre práticas da cultura corporal e os diferentes contextos em que foram produzidas.</li> <li>◦ Disponibilidade para conhecer práticas diferenciadas percebendo-as como ampliação das possibilidades para os momentos de lazer.</li> <li>◦ Disponibilidade para apresentar e explicar aos colegas o que aprenderam e descobriram sobre a modalidade escolhida, assim como para escutar os colegas sobre o que descobriram e aprenderam.</li> <li>◦ Ampliação do repertório motor.</li> <li>◦ Valorização de cada prática como</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa em locais de prática esportiva competitiva na região (clubes, academias) e entrevista com atleta profissional ou amador e/ou profissionais da área de Educação Física.</li> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre os temas em estudo (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Convite a um atleta profissional ou amador ou ainda um profissional da área de Educação Física à escola, para participar de uma entrevista com roteiro elaborado a partir dos interesses dos alunos.</li> <li>◦ Registro (escrito, fotos, gravação de imagens e som) da entrevista como material de apoio para comparar, refletir e discutir o esporte de alto rendimento, o esporte educacional e o esporte de participação.</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação dos conceitos de esporte profissional (esporte de alto rendimento) e esporte escolar (esporte educacional), esporte como lazer (esporte participação) e dos argumentos que os sustentam.</li> <li>◦ Situações de prática do esporte escolhido com grande número de variações sobre o espaço, número de jogadores, variação de regras e material.</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação das práticas da cultura corporal que não são frequentes na mídia: esportes coletivos ou individuais característicos de</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da pesquisa realizada, avaliando o quanto o aluno ampliou o conhecimento e contribuiu com novos conhecimentos trazidos para o grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa apresentando argumentos pertinentes ao tema proposto;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa, emitindo opiniões sobre os diferentes contextos em que os esportes e outras práticas da cultura corporal são produzidos e valorizados, indicando uma ampliação de conhecimento capaz de minimizar o preconceito;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, contribuição com propostas (adaptação de regras, espaços e materiais) que viabilizem a participação de todos, nível de satisfação/realização em participar etc.</li> </ul> </li> </ul>

	<p>momento de convivência em grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<p>outras regiões. Atividades com materiais diferenciados como skate, patins, bicicleta. Adaptação de esportes como hóquei na grama, tênis, golfe. Esportes muito antigos ou contemporâneos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Processo de apresentação, argumentação e votação. Os alunos deverão defender suas ideias sobre porque praticar essa ou aquela modalidade esportiva, de forma a ampliar o interesse por novas práticas, e também argumentar sobre os contextos em que essas práticas são produzidas e inferir sobre os porquês de sua valorização.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre a atividade, identificando as principais regras e dificuldades encontradas, indicando possíveis adaptações para a vivência na escola. Os alunos, mediados pelo professor, deverão considerar a diversidade de habilidade presentes no grupo e as características de seus integrantes favorecendo a participação e a inclusão de todos.</li> </ul>	
<p>Participar de atividades competitivas envolvendo jogos e esportes, participando efetivamente na adaptação das regras e na elaboração de estratégias a serem utilizadas, buscando encaminhar os conflitos através do diálogo, prescindindo da figura do arbitro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em atividades competitivas individuais e coletivas, adequando sua atuação ao contexto escolar.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais, colaborando com suas potencialidades para a aprendizagem dos outros.</li> <li>◦ Disponibilidade para definir regras nos jogos e esportes como ajuste e regulação dos desafios da prática à diversidade de habilidades presentes no grupo.</li> <li>◦ Resolução de problemas táticos e estratégicos, comunicação e negociação de atitudes de maneira adequada com os parceiros ou eventuais adversários.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações práticas de esportes tradicionais com regras estabelecidas por um código ou regulamento oficial.</li> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno na atividade realizada, estimulando as falas sobre a adequação ou não das regras pré-estabelecidas às habilidades do grupo.</li> <li>◦ Situações de análise e reflexão sobre índices e recordes nos esportes individuais (atletismo: arremesso, saltos em extensão e altura, velocidade, resistência etc.) estabelecendo relação com índices e recordes na escola.</li> <li>◦ Situações de observação de modelos (colegas, gravação de eventos esportivos da televisão, vídeos no Youtube etc.) em relação a aspectos</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno procede adequando-se ao contexto escolar nas diferentes situações competitivas individuais e coletivas;</li> <li>- da evolução na capacidade de identificar e analisar suas habilidades utilizando-as para contribuir com a aprendizagem dos outros;</li> <li>- da evolução na elaboração das regras que atendam ao desenvolvimento das habilidades</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em jogos e esportes que evidenciem habilidades e dificuldades e sua relação com aspectos técnicos e táticos presentes no jogo.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais, formulando encaminhamentos e metas.</li> <li>◦ Análise da prática de jogos e esportes identificando as estratégias de ataque e defesa.</li> <li>◦ Disponibilidade para expressar, no grupo, suas idéias quanto às estratégias de ataque e defesa, considerando as características individuais que compõem o grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para comentar e debater as estratégias criadas para o grupo ou em grupo, após sua aplicação.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os significados da vitória e da derrota presentes nos jogos e esportes, relacionando com as estratégias utilizadas e os papéis de cada um.</li> </ul>	<p>técnicos e táticos, analisando tanto as condições e ações que conduziram ao êxito quanto àquelas onde o êxito não é obtido.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de jogo em que estabeleçam momentos (pausa, tempo) para refletir (cada equipe separadamente) sobre o que estão fazendo, como estão agindo e o que é necessário mudar para atingir o objetivo estabelecido pelo grupo.</li> <li>◦ Situações de jogo em que estabeleçam momentos (pausa, tempo) para refletir entre as equipes sobre o que estão fazendo, como estão agindo, que característica o jogo está adquirindo (construtiva, motivante, desmotivante, agressiva etc.) e o que é necessário mudar para atingir o desejável.</li> <li>◦ Roda de conversa após o jogo em que os alunos possam relatar o que percebem da atuação uns dos outros em situação de jogo, enfatizando os aspectos técnicos relativos aos fundamentos e os aspectos táticos relacionados às estratégias combinadas.</li> <li>◦ Situações de análise do basquete e do vôlei (por serem mais complexos e/ou desconhecidos quanto aos gestos e estratégias) destacando os principais fundamentos envolvidos, bem como as estratégias de ataque e defesa básicas utilizadas.</li> <li>◦ Criação de pequenos jogos de exercício<sup>4</sup> que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento na modalidade. Exemplo: no basquete, para trabalhar passe, drible, marcação e arremesso, pode-se propor o jogo 3x3 e uma cesta. O destaque pode ser para as ações como o corta-luz e as situações de falta de ataque ou de defesa, nessa modalidade que legisla com mais</li> </ul>	<p>individuais e coletivas;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da evolução na resolução de situações problema e conflitos envolvendo os aspectos táticos, comunicação e negociação de atitudes entre jogadores da mesma equipe e com adversários;</li> <li>- sobre as propostas do aluno de alteração nas regras dos esportes e jogos, explicitando objetivos e metas a serem atingidas;</li> <li>- sobre a evolução na capacidade de identificar e analisar nos jogos elementos a serem modificados a fim de atingir os objetivos desejáveis;</li> <li>- sobre a evolução na capacidade de identificar e analisar em si e nos colegas as necessidades de evolução técnicas (gestos e fundamentos) relacionados à evolução da tática (estratégias de ataque e defesa).</li> <li>- sobre a relação que o aluno estabelece entre características individuais, posições dos jogadores e os sistemas táticos.</li> <li>- sobre a evolução coletiva na resolução de conflitos a partir do diálogo, prescindindo da intervenção externa do árbitro ou professor.</li> </ul>
--	--	---	---

<sup>4</sup> Neste documento, adotamos o termo jogo de exercício para as atividades de caráter individual, em duplas ou trios que possibilitam estabelecer metas, marcar acertos e erros e que favorecem avaliar o desempenho e a evolução. O que diferencia o jogo de exercício do exercício é a relação de aprendizagem do aluno durante a atividade: na situação de jogo de exercício sempre será necessário ajustar a ação com a resposta do outro, mantendo assim a característica de imprevisibilidade que aproxima o jogo de exercício da prática real do esporte, diferentemente do exercício que recorta um fundamento e o pratica isoladamente.



		<p>rigor, enfatizando o espaço individual do jogador dentro do coletivo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>° Situações de vivência de jogos e esportes com possibilidade de elaboração de estratégias de ataque e defesa favorecendo a compreensão das diferentes funções de cada jogador e das características de cada posição no sistema tático. Exemplo: em um jogo de futsal, alternar as posições dos jogadores para que passem por todas (as posições) ao longo da partida (goleiro, fixo, alas, pivô), refletir e relacionar cada posição com as características de cada jogador naquela função (principais ações, domínio de fundamentos, tipo físico, aspectos emocionais etc.).</li> <li>° Situações em que os alunos tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre o grau de dificuldade encontrado durante a prática para diferentes jogadores dentro do mesmo grupo, favorecendo a inclusão de todos a partir da alteração de algumas regras, tendo como referência o jogo ou esporte original. Exemplo: a partir de dificuldades apresentadas na vivência do vôlei, dando sequência ao trabalho em mini-quadras, pode-se trabalhar em quartetos em que, em cada um dos espaços adaptados para jogar, as regras sejam específicas ao desafio dos jogadores. Em todas as quadras, a primeira recepção deve ser com manchete, porém em cada quadra também há um jogador (menos habilidoso) que poderá segurar uma vez a bola, desta forma poderá corrigir uma recepção mal executada, uma vez que usará do “privilegio” de poder segurá-la. Na mesma variação, estimulando o aluno com mais dificuldade a não segurar sempre, estabelece-se que um ponto marcado sem segurar vale mais.</li> </ul> <p><u>Observação:</u></p> <p>É importante considerar que as variações entre as quadras permitirão incluir diferentes alunos (menos habilidosos) como parte da estratégia de jogo,</p>	
--	--	--	--

		<p>passando a ser uma vantagem ter esse aluno na equipe, invertendo a lógica do esporte competitivo que exclui os menos habilidosos. Da mesma forma, também é importante explicitar que estabelecer diferentes patamares e metas para a evolução desses alunos dentro do grupo será uma consequência dessa prática, uma vez que a habilidade deverá evoluir progressivamente impactando a alteração das regras.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações em que os alunos expressem seus sentimentos sobre situações concretas de vitória e derrota vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre as estratégias utilizadas</li> </ul>	
<p>Aprofundar o conhecimento sobre os limites e possibilidades do próprio corpo em práticas individuais e coletivas, relacionar o desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas com o conhecimento científico básico sobre treinamento e fisiologia do exercício, de forma a poder controlar as atividades corporais com autonomia e valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em modalidades individuais e coletivas, adotando uma atitude de pesquisa pessoal a respeito dos limites e possibilidades do próprio corpo.</li> <li>◦ Conhecimento sobre testes de avaliação de capacidades físicas.</li> <li>◦ Conhecimento dos princípios básicos do treinamento e da fisiologia do exercício incluindo os conceitos de volume, intensidade.</li> <li>◦ Disponibilidade para controlar as atividades corporais com autonomia.</li> <li>◦ Valorização do conhecimento para a melhoria e manutenção de suas aptidões físicas.</li> <li>◦ Identificação de movimentos automatizados para ampliação de recursos motores, gestuais e de consciência corporal.</li> <li>◦ Disponibilidade para aplicar os conceitos relacionados à repetição e à qualidade do movimento na aprendizagem do gesto esportivo.</li> <li>◦ Disponibilidade para identificar e persistir em seus objetivos e metas analisando as práticas realizadas para tal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre testes de avaliação física (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam avaliar seus limites e possibilidades entendendo essa avaliação como um diagnóstico da situação atual. Exemplo: avaliação em um teste de resistência.</li> <li>◦ Confecção de uma ficha de acompanhamento da evolução das capacidades e/ou habilidades que serão trabalhadas.</li> <li>◦ Situações de prática de atividades relacionadas às capacidades/habilidades que serão trabalhadas.</li> <li>◦ Rodas de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos propostos.</li> <li>◦ Atividade prática dos esportes escolhidos pelos alunos, com mediação do professor, para atingir determinados objetivos e metas no semestre.</li> <li>◦ Situações que favoreçam a percepção e a análise de gestos automatizados e aspectos posturais com objetivo de favorecer a melhoria da eficiência, satisfação e bem estar. Exemplo: situações de análise de um gesto em que o posicionamento do corpo não contribua com a eficiência do movimento ou seja prejudicial à</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da qualidade da pesquisa sobre o tema proposto (adequação ao tema, qualidade/fidedignidade das fontes pesquisadas, número de fontes pesquisadas, etc);</li> <li>- da relação entre a avaliação inicial (testes como meio de diagnóstico) e as atividades para o desenvolvimento;</li> <li>- do trabalho com as fichas de acompanhamento do processo, verificando a organização e a continuidade;</li> <li>- de como o aluno participa e se envolve nas atividades, em direção aos seus objetivos - com maior ou menor autonomia;</li> <li>- da autonomia do aluno na elaboração e execução dos programas pessoais;</li> <li>- da evolução da consciência corporal na correção de gestos e posturas;</li> <li>- das relações estabelecidas entre</li> </ul> </li> </ul>

	<p>fim.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Relação entre os princípios básicos da fisiologia do exercício e o estabelecimento de pequenas rotinas de exercício.</li> </ul>	<p>saúde, favorecendo lesões.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno na atividade realizada, estimulando as falas sobre como se percebem na atividade e a participação do grupo.</li> <li>◦ Situações para refletir sobre a prática, envolvendo as habilidades, gestos específicos e capacidades físicas em relação aos objetivos e metas pessoais, considerando o envolvimento e a persistência.</li> <li>◦ Elaboração de uma ficha individual com os aspectos determinantes na evolução do jogo levantados individualmente ou em pequenos grupos. Exemplo: <ul style="list-style-type: none"> <li>- no basquete, evolução dos gestos automatizados: <ul style="list-style-type: none"> <li>▫ drible - na situação de jogo, favorecendo o desenvolvimento da tática;</li> <li>▫ arremesso - número de acertos em situação de jogo, relacionado aos posicionamentos táticos de ataque e rebote.</li> </ul> </li> <li>- no vôlei, evolução no domínio dos fundamentos: <ul style="list-style-type: none"> <li>▫ manchete - recepção e continuidade da bola em jogo;</li> <li>▫ toque - número de acertos em situação de jogo e continuidade na estratégia de ataque;</li> <li>▫ saque - número de acertos direcionados intencionalmente a diferentes pontos da quadra adversária.</li> </ul> </li> </ul> </li> <li>◦ Prática de jogos e jogos de exercício que utilizem as habilidades presentes nas fichas, relacionando o volume de prática (número de repetições) com a aprendizagem e aperfeiçoamento das habilidades motoras e das</li> </ul>	<p>o programa pessoal e as capacidades físicas e/ou habilidades motoras a serem desenvolvidas;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- sobre as fichas, verificando a evolução da aprendizagem e o estabelecimento de novas metas.</li> </ul>
--	--	---	--

		<p>capacidades físicas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Elaboração, por parte do aluno, porém mediada pelo professor, de pequenas rotinas de exercício, considerando as capacidades físicas.</li> </ul>	
<p>Organizar e fazer uso das práticas da cultura corporal como recurso para integração entre as pessoas, valorizando-as como meios para ampliar a convivência na diversidade e para redução do preconceito.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Valorização da integração entre meninos e meninas nas práticas da cultura corporal desenvolvidas.</li> <li>◦ Identificação de jogos e atividades que promovem a integração entre meninos e meninas.</li> <li>◦ Conceitos de: integração, discriminação e preconceito.</li> <li>◦ Identificação de modalidades esportivas que promovem a integração de meninos e meninas.</li> <li>◦ Identificação e comparação das características dos jogos, atividades e dos esportes que mais integram meninos e meninas.</li> <li>◦ Disponibilidade para a prática de alguns dos jogos e atividades apontados pelo grupo como mais integradores de meninos e meninas.</li> <li>◦ Escolha de um esporte para aperfeiçoamento considerando as características do grupo.</li> <li>◦ Ampliação de recursos (conceituais, motores, táticos, técnicos) para obter eficiência e satisfação.</li> <li>◦ Pesquisa sobre danças e práticas rítmicas que favoreçam a participação de todos.</li> <li>◦ Disponibilidade para conhecer e praticar algumas dessa danças e atividades rítmicas.</li> <li>◦ Disponibilidade para falar, ouvir, debater e refletir com os colegas sobre a diversidade e a convivência através das diferentes práticas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Roda de conversa levantando os jogos e atividades que mais integram meninos e meninas com estímulo para a argumentação.</li> <li>◦ Processo de escolha de algumas dessas atividades e jogos com reflexão após a prática sobre os resultados relativos à integração de meninos e meninas.</li> <li>◦ Roda de conversa abordando esportes já praticados pelo grupo que tenham potencial para integrar meninos e meninas, com estímulo para que falem sobre seus sentimentos com relação a essas práticas.</li> <li>◦ Processo de escolha de uma entre as modalidades esportivas levantadas pelo grupo como potencialmente favorável à integração entre meninos e meninas, elaboração de um cronograma para desenvolvimento e aprofundamento.</li> <li>◦ Rodas de conversa após as práticas para avaliar a vivência no que se refere à integração de meninos e meninas, bem como para discutir quaisquer atitudes discriminatórias que eventualmente venham a acontecer durante as atividades.</li> <li>◦ Vivência da modalidade escolhida com objetivos de ampliação do repertório motor e gestual dos alunos, considerando as diferenças individuais e as diferenças sexuais (mudanças hormonais com aumento da força nos meninos, etc).</li> <li>◦ Rodas de conversa para reflexão após essas práticas, estimulando a expressão de sentimentos e dificuldades e favorecendo o estabelecimento de metas individuais e coletivas.</li> <li>◦ Pesquisa entre os alunos, na comunidade, em vídeos, na internet (Google, Youtube etc.), de</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da pesquisa realizada, do quanto o aluno ampliou seus conhecimentos e contribuiu com novos conhecimentos para o grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa, apresentando argumentos pertinentes ao tema proposto;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa emitindo opiniões sobre os diferentes contextos onde identifica a discriminação e o preconceito com relação a meninos e meninas;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: grau de compreensão da atividade, de envolvimento com o processo de pesquisa, da contribuição nos momentos de práticas, da contribuição com propostas de adaptação de regras, espaços e materiais, ritmos que viabilizem a participação de todos, e do grau de satisfação que demonstra ao participar.</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Ampliação do repertório motor e valorização de cada prática como momento de convivência em grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<p>danças que possam ser praticadas por todo o grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situação de demonstração, a partir de convite a um praticante da dança eleita pelo grupo, para facilitar a aprendizagem.</li> <li>◦ Vivência da dança escolhida com objetivos de ampliação do repertório motor e gestual dos alunos, considerando as diferenças individuais e as diferenças sexuais.</li> <li>◦ Rodas de conversa para reflexão após essas práticas, estimulando a expressão de sentimentos e dificuldades e favorecendo o estabelecimento de metas individuais e coletivas.</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação dos conceitos de integração, discriminação e preconceito, com o objetivo de identificá-los no contexto em que vivem, dentro e fora da escola.</li> </ul>	
<p>Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas lutas, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Identificação das diferentes manifestações de lutas, reconhecendo as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas e as características culturais de sua criação e prática.</li> <li>◦ Participação em diferentes manifestações de lutas, adaptando-as às condições do grupo, materiais e espaços, garantindo a segurança e a integridade física dos participantes.</li> <li>◦ Participação das vivências adaptadas das lutas, evidenciando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais.</li> <li>◦ Disponibilidade para definir metas pessoais como forma de ajustar e regular os desafios da prática.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os efeitos e benefícios das diferentes práticas, relacionando suas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de pesquisa sobre diferentes manifestações de lutas, identificando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas e as características culturais de sua criação e prática. Exemplo: uma matéria de jornal que aborde a relação do praticante de uma determinada luta com uma capacidade específica poderá representar uma atividade detonadora para pesquisa da identificação em outras lutas.</li> <li>◦ Situações de observação de modelos (colegas, gravação de eventos esportivos da televisão, vídeos no Youtube etc.) no que diz respeito a aspectos das características dos praticantes (físicas, mentais, emocionais, culturais e de gênero).</li> <li>◦ Processo de eleição das atividades e elaboração de um cronograma de vivências pelo grupo, considerando a diversidade de capacidades físicas e habilidades motoras presentes no grupo.</li> </ul> <p><u>Observação:</u></p>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da qualidade das pesquisas e do reconhecimento de adaptações necessárias para as vivências na escola;</li> <li>- da evolução na capacidade de identificar as capacidades físicas e habilidades motoras presentes nas lutas;</li> <li>- da evolução na capacidade de avaliar suas habilidades e capacidades para estabelecer metas pessoais;</li> <li>- da evolução na capacidade de identificar e analisar capacidades e habilidades presentes em determinada prática, utilizando-as para contribuir com a adaptação da atividade de forma a favorecer a evolução da</li> </ul> </li> </ul>

	<p>características pessoais e necessidades às capacidades e habilidades envolvidas.</p>	<p>Nessa proposta, trata-se de oferecer oportunidades para que os alunos possam se inserir no trabalho coletivo a partir das suas capacidades e habilidades. No entanto, essas escolhas são fruto de uma autoavaliação e reflexão permanente sobre como evoluir e lidar positivamente com as dificuldades, bem como atender a critérios de segurança que garantam a integridade física dos praticantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de análise das manifestações de lutas escolhidas, destacando os principais fundamentos (gestos, movimentos, golpes, rituais etc.) envolvidos, bem como as estratégias de ataque e defesa básicas utilizadas.</li> <li>◦ Criação de pequenos jogos de exercício<sup>5</sup> que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento na modalidade.</li> <li>◦ Situações práticas das modalidades escolhidas em que se estabeleçam momentos (pausa, tempo) para refletir entre os participantes sobre o que estão fazendo, como estão agindo, que característica a luta está adquirindo (construtiva, motivante, desmotivante, desafiadora ou agressiva etc.) e o que é necessário mudar para atingir o desejável.</li> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno na atividade realizada, estimulando as falas sobre a adequação ou não das atividades às características e habilidades do grupo.</li> <li>◦ Situações em que os alunos expressem seus sentimentos sobre situações concretas de vitória e derrota vivenciadas durante as modalidades desenvolvidas, estimulando que reflitam sobre as estratégias utilizadas.</li> </ul>	<p>aprendizagem do grupo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da evolução do aluno na participação nas escolhas do grupo e na adequação ao espaço escolar, garantindo a integridade física dos participantes.</li> <li>- da evolução na elaboração de estratégias que atendam ao desenvolvimento das capacidades e habilidades individuais;</li> <li>- das propostas do aluno de alteração nas regras das modalidades, explicitando objetivos e metas a serem atingidas;</li> <li>- da evolução na capacidade de identificar e analisar em si e nos colegas as necessidades de evolução técnica (gestos e fundamentos) e evolução da tática (estratégias de ataque e defesa) para a realização da atividade;</li> <li>- da evolução coletiva do diálogo na resolução de conflitos e na definição de atividades, prescindindo da intervenção externa do árbitro ou professor.</li> </ul>
--	---	--	--

<sup>5</sup> Neste documento adotamos o termo jogo de exercício para as atividades de caráter individual, duplas ou trios que possibilitam estabelecer metas, marcar acertos e erros e que favorecem avaliar o desempenho e a evolução. O que diferencia o jogo de exercício do exercício é a relação de aprendizagem do aluno durante a atividade. Na situação de jogo de exercício sempre será necessário ajustar a ação com a resposta do outro, mantendo assim o caráter de imprevisibilidade que aproxima o jogo da prática real do esporte, diferentemente do exercício que recorta um fundamento e o pratica isoladamente.

		<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de análise e reflexão sobre os efeitos e benefícios das diferentes práticas, relacionando suas características pessoais e necessidades às capacidades e habilidades envolvidas.</li> </ul>	
<p>Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e com a melhoria da saúde coletiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Conceito de ecologia (parte da biologia que estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente em que vive) abrangendo a compreensão do que é viver ecologicamente consigo mesmo e com os outros (ecologia humana)<sup>6</sup>.</li> <li>◦ Compreensão dos efeitos dos hábitos de higiene, alimentação e atividades corporais sobre a própria saúde.</li> <li>◦ Reconhecimento da influência do ambiente, da cultura e da mídia sobre os hábitos de higiene, alimentação e atividades corporais.</li> <li>◦ Pesquisa sobre hábitos de higiene, alimentação, hidratação e atividades corporais e seus efeitos sobre a saúde.</li> <li>◦ Disponibilidade para comentar e debater sobre o tema, pautando suas opiniões em bases científicas.</li> <li>◦ Disponibilidade para multiplicar, compartilhando com a comunidade escolar, os conhecimentos adquiridos.</li> <li>◦ Conhecimento dos princípios básicos da fisiologia do exercício relacionados a horários, condições climáticas, necessidades de hidratação e proteção solar.</li> <li>◦ Disponibilidade para controlar as atividades corporais com autonomia, aplicando conceitos de vida ativa e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre ecologia, qualidade de vida, vida ativa, alimentação saudável e fisiologia do exercício (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam avaliar seus hábitos alimentares, de higiene e atividade física regular, como um diagnóstico da situação atual. Exemplo: produção de um quadro individual registrando a alimentação, as práticas de atividade física, tempo de repouso, de lazer, horários e regularidade, hábitos de higiene etc.</li> <li>◦ Levantamento de dietas divulgadas em revista encontradas nas bancas, analisando se existem bases científicas para tais recomendações ou se são “modismos”, como por exemplo: dieta de verão, dieta de Beverly Hills, dieta do abacaxi etc. (se possível, contar com a presença de um profissional nutricionista).</li> <li>◦ Roda de conversa em que os alunos possam explicitar e analisar os registros sobre os próprios hábitos alimentares, atividades voltadas à qualidade de vida e higiene, registrados ao longo do tempo, relacionando aos conhecimentos científicos adquiridos.</li> <li>◦ Situações de prática de atividades físicas relacionando-as com as condições ambientais favoráveis para prática, como por exemplo, horário, condição climática, sombra ou exposição solar, alimentação anterior à prática,</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- do envolvimento na pesquisa sobre os temas propostos;</li> <li>- da compreensão dos principais conceitos relacionados com a saúde e a qualidade de vida;</li> <li>- do registro dos hábitos pessoais relacionados à saúde, higiene e qualidade de vida; (regularidade dos registros, sistematização das informações, etc)</li> <li>- de como o aluno participa e se envolve na busca do conhecimento, na apresentação, na reflexão e debate em grupo;</li> <li>- da participação nas atividades práticas seguidas de reflexão em busca de melhores condições;</li> <li>- da adaptação e ou escolha das atividades físicas em função dos melhores horários e condições climáticas que potencializem o bem estar;</li> <li>- da evolução do conhecimento e estabelecimento de relação entre atividade física e alimentação saudável;</li> <li>- das relações estabelecidas entre o</li> </ul> </li> </ul>

<sup>6</sup> A Ecologia Humana foi criada pelo Dr. Juan J. Tapia, com uma enorme massa de dados próprios e oriundos de diversas teorias tais como: Psicologia Analítica de Jung, PNL, Aprendizagem Acelerativa, Análise Transacional, Física Quântica, Teoria Holotrópica da Mente e muitas outras, formando um verdadeiro arsenal de tecnologia aplicável ao desenvolvimento da ética individual, desde uma visão educacional, organizacional e psicoterápica, usando todos os meios de comunicação disponíveis. A Ecologia Humana é uma hipótese sobre a convivência, a ética e a condição humana. (<http://www.josesilveira.com/oqueeEH.htm>)

	<p>hábitos saudáveis.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Valorização do conhecimento para a melhoria e manutenção da qualidade de vida.</li> <li>◦ Relação entre os princípios básicos da fisiologia do exercício, dos conceitos de higiene, saúde, vida ativa, qualidade de vida e o estabelecimento de rotinas de atividades.</li> </ul>	<p>necessidade de higiene após a prática etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Rodas de conversa sobre a adequação das atividades às condições ambientais e ao horário.</li> <li>◦ Pesquisa sobre as diferentes características das atividades físicas e necessidades de reposição de nutrientes e hidratação relativas a elas.</li> <li>◦ Rodas de conversa após a prática sobre a adequação das atividades à alimentação, antes e após do exercício, e às necessidades de hidratação.</li> <li>◦ Situações que favoreçam a percepção e a análise das condições climáticas e a escolha de atividades. Exemplo: atividades de muita movimentação, de característica aeróbica, em horários quentes de sol forte, associadas à necessidade de proteção solar, hidratação. Estabelecer comparações com horários mais próximos ao nascer ou por do sol.</li> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno nas atividades com objetivo de qualidade de vida realizadas em grupo, estimulando as falas sobre como se percebem e as sensação frente à diversidade de práticas (de relaxamento e alongamento, fortalecimento, atenção e concentração, aeróbicos e anaeróbicos etc.).</li> <li>◦ Organização de eventos para a comunidade em que possam ser apresentados os conhecimentos pesquisados, refletidos e elaborados com relação à atividade física, hábitos alimentares e higiênicos e qualidade de vida.</li> </ul>	<p>programa pessoal e os hábitos alimentares e higiênicos para melhoria da qualidade de vida;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da participação na elaboração e apresentação dos conhecimentos obtidos para a comunidade escolar.</li> </ul>
--	--	---	---



## Referências Curriculares para o 9º ano

Objetivos [Capacidades]	Conteúdos [O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos]	Propostas de atividade [Situações de ensino e aprendizagem para trabalhar com os conteúdos]	Formas de avaliação [Situações mais adequadas para avaliar]
<p>Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura despojada de preconceitos ou discriminações por razões sociais, sexuais ou culturais. Reconhecer e valorizar as diferenças de desempenho, linguagem e expressividade decorrentes, inclusive, dessas mesmas diferenças culturais, sexuais e sociais. Relacionar a diversidade de manifestações da cultura corporal de seu ambiente e de outros, com o contexto em que são produzidas e valorizadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação nas mais variadas manifestações da cultura corporal envolvendo competição, cooperação e recreação.</li> <li>◦ Valorização das práticas como momento de convivência em grupo, reconhecendo e valorizando as diferenças pessoais</li> <li>◦ Conhecimento e valorização das manifestações da cultura corporal, relacionando-as com os contextos em que foram criadas (os valores e significados, hábitos e costumes).</li> <li>◦ Identificação e análise das características do esporte educacional que favorecem a inclusão das diferenças.</li> <li>◦ Escolha de um esporte, considerando o contexto original de sua prática, comparando-o com as adaptações realizadas na escola a fim de que atenda aos princípios do esporte educacional.</li> <li>◦ Ampliação de recursos (conceituais, motores, táticos, técnicos) para obter eficiência e satisfação.</li> <li>◦ Pesquisa sobre práticas da cultura corporal pouco e ou não divulgadas pela mídia.</li> <li>◦ Disponibilidade para conhecer práticas diferenciadas percebendo-as como ampliação das possibilidades para os momentos de lazer.</li> <li>◦ Ampliação do repertório motor e valorização de cada nova prática como momento de convivência em grupo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações em que os alunos possam sugerir e praticar as mais variadas modalidades, resgatando pesquisas feitas, jogos aprendidos nos anos anteriores, esportes convencionais, atividades aprendidas em outros contextos etc.</li> <li>◦ Pesquisa sobre os locais de prática esportiva, jogos tradicionais, danças regionais etc. de sua região, comparando com outras regiões do país e do mundo.</li> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre o tema estudado (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Visita a um espaço, na localidade, de prática profissional ou amadora de uma ou mais modalidades pesquisadas.</li> <li>◦ Registro (escrito, fotos, gravação de imagens e som) da visita como material de apoio para comparar, refletir e discutir as práticas com fins profissionais comparando-as com as práticas com fins educacionais e de lazer.</li> <li>◦ Situações de prática do esporte escolhido com grande número de variações sobre o espaço, número de jogadores, variação de regras e material</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação das práticas da cultura corporal que não são frequentes na mídia: esportes coletivos ou individuais característicos de outras regiões. Atividades com materiais diferenciados como skate, patins, bicicleta etc. Adaptação de esportes como hóquei na grama, tênis, golfe. Esportes muito antigos ou contemporâneos.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- do resgate das atividades realizadas quanto à diversificação e valorização cultural bem como adaptação ao contexto escolar;</li> <li>- da pesquisa realizada, avaliando o quanto o aluno ampliou seus conhecimentos e contribuiu com novos conhecimentos trazidos para o grupo;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa apresentando argumentos pertinentes ao tema proposto;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa, emitindo opiniões sobre os diferentes contextos em que os esportes ou outras práticas da cultura corporal são produzidos e valorizados, indicando uma ampliação de conhecimento capaz de minimizar o preconceito;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: grau de compreensão da atividade, das regras, da contribuição com propostas (adaptação de regras, espaços e materiais) que viabilizem a participação de todos, da satisfação e realização ao participar etc.</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Processo de apresentação, argumentação e votação. Os alunos deverão defender suas ideias sobre porque praticar essa ou aquela modalidade esportiva, de forma a ampliar o interesse por novas práticas, e deverão argumentar também sobre os contextos onde essas práticas são produzidas e inferir sobre os porquês de sua valorização.</li> <li>◦ Situações em que os alunos possam apreciar e praticar as atividades pesquisadas, favorecendo a verbalização de opiniões e sentimentos.</li> <li>◦ Rodas de conversa em que os alunos tenham que manifestar opiniões sobre a atividade, identificando as principais regras e dificuldades encontradas, indicando possíveis adaptações para a vivência na escola. Os alunos, mediados pelo professor, deverão considerar a diversidade de habilidades presentes no grupo e as características de seus integrantes, favorecendo a participação e a inclusão de todos.</li> </ul>	
<p>Organizar e praticar atividades corporais, valorizando-as como recurso para usufruir o tempo disponível, bem como ter a capacidade de alterar ou interferir nas regras convencionais, com o intuito de torná-las mais adequadas ao momento do grupo, favorecendo a inclusão de todos os praticantes. Analisar, compreender e manipular os elementos que compõem as regras como instrumentos de criação e transformação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para definir regras nos jogos, esportes e práticas da cultura corporal como recurso para a organização das atividades, considerando a diversidade de habilidades presentes no grupo.</li> <li>◦ Conceito de diversidade e conceito de inclusão.</li> <li>◦ Disponibilidade para aplicar os conhecimentos adquiridos e os recursos disponíveis na criação e adaptação de jogos e brincadeiras, otimizando o tempo disponível para o lazer.</li> <li>◦ Organização e participação em atividades desportivas recreativas coletivas e individuais.</li> <li>◦ Organização e participação em atividades desportivas de competições coletivas e individuais (campeonatos entre as classes).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Elaboração de regulamentos e códigos de conduta para a organização e realização de jogos e eventos.</li> <li>◦ Roda de conversa enfatizando a participação de cada aluno na atividade realizada, estimulando as falas sobre a adequação ou não das regras pré-estabelecidas às habilidades do grupo.</li> <li>◦ Roda de conversa após o jogo em que os alunos possam relatar o que percebem da atuação uns dos outros em situação de jogo, enfatizando os aspectos técnicos e os aspectos táticos com as possibilidades de lazer e recreação da atividade.</li> <li>◦ Situações de vivência de jogos e esportes onde todos os alunos passem pelas funções de: <ul style="list-style-type: none"> <li>- jogador, evidenciando e favorecendo a compreensão das posições e funções dentro das táticas de ataque e defesa;</li> <li>- árbitro e mesário, evidenciando e</li> </ul> </li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno procede adequando as diferentes práticas ao contexto escolar;</li> <li>- da evolução na elaboração das regras que contemplem as habilidades individuais e coletivas favorecendo a participação de todos;</li> <li>- da evolução na resolução de situações problema e conflitos envolvendo a organização e a condução dos jogos e eventos;</li> <li>- sobre as propostas do aluno de alteração nas regras dos esportes e jogos, explicitando a compreensão de como transformar e manipular as regras</li> </ul> </li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Cooperação e aceitação das funções atribuídas dentro do trabalho em equipe.</li> <li>◦ Compreensão de que competir com o outro não significa rivalidade, entendendo a oposição como uma condição do jogo e não como uma atitude frente aos demais.</li> </ul>	<p>favorecendo a compreensão das regras e sua aplicação, bem como a responsabilidade pela condução do jogo e mediação de conflitos;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- torcedor, evidenciando e favorecendo a compreensão da importância das atitudes de respeito nas situações de confronto.</li> <li>◦ Discussões em que os alunos tenham que opinar sobre situações concretas vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre o grau de dificuldade encontrado durante a prática para diferentes jogadores dentro do mesmo grupo, favorecendo a inclusão de todos a partir da alteração de algumas regras.</li> <li>◦ Situações em que os alunos expressem seus sentimentos sobre situações concretas de vitória e derrota vivenciadas durante os jogos e esportes, estimulando que reflitam sobre o caráter recreativo e de integração entre as pessoas.</li> </ul>	<p>sem descaracterizar as modalidades.</p>
<p>Aprofundar o conhecimento dos limites e das possibilidades do próprio corpo de forma a poder controlar algumas de suas posturas e atividades corporais com autonomia e a valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas. Aprofundar as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência por meio do planejamento e sistematização de suas práticas corporais. Buscar informações para aprofundamento teórico de forma a construir e adaptar alguns sistemas de melhoria de sua aptidão física.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Participação em modalidades individuais e coletivas adotando uma atitude de pesquisa pessoal a respeito dos limites e possibilidades do próprio corpo.</li> <li>◦ Ampliação do conhecimento sobre testes de avaliação de capacidades físicas.</li> <li>◦ Ampliação do conhecimento dos princípios da fisiologia do exercício e das funções orgânicas relacionadas à atividade motora: os conceitos de intensidade e volume, tensão e relaxamento, frequência cardíaca, frequência respiratória e captação de oxigênio, além da utilização de alguns parâmetros (frequência cardíaca e respiratória, por exemplo) como indicadores da relação entre intensidade e volume.</li> <li>◦ Disponibilidade para controlar as atividades corporais com autonomia.</li> <li>◦ Valorização do conhecimento para a</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações em que os alunos possam avaliar seus limites e possibilidades entendendo essa avaliação como um diagnóstico da situação atual e parâmetro base para o desenvolvimento. Exemplo: avaliação em um teste de resistência, força etc.</li> <li>◦ Pesquisa em livros, revistas e internet sobre testes de avaliação física (o professor pode fornecer referências bibliográficas e sites como subsídio para a pesquisa inicial).</li> <li>◦ Confecção de uma ficha de acompanhamento da evolução das capacidades que serão trabalhadas: frequência cardíaca inicial e final, volume e carga, regularidade de prática etc.</li> <li>◦ Situações de prática de atividades relacionadas às capacidades físicas que serão trabalhadas, vinculando os conceitos de intensidade e volume de prática como indicadores de evolução.</li> <li>◦ Rodas de conversa sobre a adequação das atividades aos objetivos propostos.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da qualidade da pesquisa sobre o tema proposto (pertinência, fonte pesquisada e fidedignidade, número de fontes, interpretação da informação, etc)</li> <li>- da compreensão e relação entre a avaliação inicial (testes como meio de diagnóstico) e as atividades para o desenvolvimento das capacidades físicas;</li> <li>- do trabalho com as fichas de acompanhamento do processo, verificando a organização e a continuidade;</li> <li>- de como o aluno participa e se envolve nas atividades em direção aos seus objetivos, com</li> </ul> </li> </ul>

	<p>melhoria e manutenção das aptidões físicas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Identificação de movimentos automatizados para ampliação de recursos motores, gestuais e de consciência corporal.</li> <li>◦ Disponibilidade para identificar e persistir em seus objetivos e metas analisando as práticas realizadas para tal fim.</li> <li>◦ Relação entre os princípios da fisiologia do exercício e das funções orgânicas relacionadas à atividade motora com o estabelecimento de pequenas rotinas de exercício.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Escolha de jogos e esportes que se relacionem com o desenvolvimento das capacidades selecionadas, com mediação do professor, para atingir determinados objetivos e metas no semestre.</li> <li>◦ Situações para refletir sobre a prática, analisando as capacidades físicas em relação aos objetivos e metas pessoais, considerando o envolvimento e a persistência.</li> <li>◦ Elaboração, por parte do aluno e mediada pelo professor, de pequenas rotinas de exercício considerando as capacidades físicas selecionadas para o trabalho no semestre.</li> </ul>	<p>maior ou menor autonomia;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- da autonomia do aluno na elaboração e execução dos programas pessoais;</li> <li>- das relações estabelecidas entre o programa pessoal e as capacidades físicas a serem desenvolvidas;</li> <li>- sobre as fichas de registro, verificando a evolução da aprendizagem e o estabelecimento de novas metas.</li> </ul>
<p>Organizar e fazer uso das práticas da cultura corporal como recurso para integração entre as pessoas, valorizando-as como meios para ampliar a convivência na diversidade e para redução do preconceito.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Identificação das atividades que mais favorecem a participação de diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros).</li> <li>◦ Identificação das modalidades esportivas que mais favorecem a participação de diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros).</li> <li>◦ Identificação e comparação das características dos jogos e atividades e dos esportes que mais favorecem a participação de diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros).</li> <li>◦ Disponibilidade para a prática de alguns dos jogos e atividades apontados pelo grupo como mais integradores dos diferentes biótipos.</li> <li>◦ Eleição de um esporte para aperfeiçoamento, considerando as diferentes características presentes no grupo.</li> <li>◦ Ampliação de recursos (conceituais, motores, táticos, técnicos) para obter eficiência e satisfação.</li> <li>◦ Disponibilidade para falar, ouvir, debater e refletir com os colegas sobre a</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Roda de conversa levantando os jogos e atividades que mais integram diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros), com estímulo para a argumentação sobre as características dessas atividades que relativizam as diferenças.</li> <li>◦ Processo de escolha de algumas dessas atividades e jogos para a prática com reflexão posterior sobre os resultados relativos à integração de diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros).</li> <li>◦ Roda de conversa abordando esportes já praticados pelo grupo, as regras e características que favorecem a integração de diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros), com estímulo para que os alunos e alunas falem sobre seus sentimentos com relação a essas práticas.</li> <li>◦ Processo de escolha de uma entre as modalidades esportivas levantadas pelo grupo como potencialmente favorável a integração de diferentes biótipos (altos, baixos, gordos, magros).</li> <li>◦ Rodas de conversa após as práticas para avaliar a vivência no que se refere à integração dos diferentes biótipos, bem como para discutir</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- da pesquisa realizada, do quanto o aluno ampliou seus conhecimentos e contribuiu com novos conhecimentos para o grupo;</li> <li>- da evolução da expressão nas rodas de conversa, apresentando argumentos pertinentes ao tema proposto;</li> <li>- de como o aluno se expressa oralmente nas rodas de conversa, emitindo opiniões sobre os diferentes contextos em que identificam a discriminação e o preconceito com relação aos diferentes biótipos;</li> <li>- de como o aluno participa das atividades: grau de compreensão da atividade, de envolvimento com o processo de pesquisa, da contribuição nos momentos de práticas, da contribuição com propostas de adaptação de regras,</li> </ul> </li> </ul>

	<p>diversidade e a convivência através das diferentes práticas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Ampliação do repertório motor e valorização de cada prática como momento de convivência em grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para manifestar e ouvir manifestações de sentimentos, ideias e opiniões, antes, durante e após as atividades.</li> </ul>	<p>quaisquer atitudes discriminatórias que eventualmente venham a acontecer durante as atividades.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Vivência da modalidade escolhida com objetivo de ampliação do repertório motor e gestual dos alunos, considerando as diferenças relacionadas aos diferentes biótipos.</li> <li>◦ Rodas de conversa para reflexão após essas práticas, estimulando a expressão de sentimentos e dificuldades e favorecendo o estabelecimento de metas individuais e coletivas.</li> <li>◦ Situações de reflexão sobre modalidades em que as diferenças de biótipos são determinantes, seguido do levantamento de sugestões que minimizem ou equilibrem essas diferenças, se necessário intervindo nas regras, favorecendo a possibilidade de sucesso de todos. Por exemplo, no basquete, podem ser propostos jogos com equipes organizadas por altura semelhante, jogos com cestas em alturas diferentes relacionadas às diferentes alturas, entre outras sugestões dos alunos.</li> <li>◦ Rodas de conversa que envolvam a apresentação dos conceitos de integração, discriminação e preconceito, com o objetivo de identificá-los no contexto em que vivem, dentro e fora da escola.</li> </ul>	<p>espaços e materiais que viabilizem a participação de todos, da satisfação e realização que demonstra ao participar.</p>
<p>Perceber as possibilidades de desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras nas atividades rítmicas e danças, considerando seus próprios limites e possibilidades, de forma a poder estabelecer metas com maior autonomia, valorizando o conhecimento para desenvolvimento pessoal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa de diferentes manifestações de atividades rítmicas e danças, identificando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas</li> <li>◦ Participação em diferentes manifestações de atividades rítmicas e danças, evidenciando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre o próprio desempenho e dos demais.</li> <li>◦ Criação, adaptação e participação em atividades rítmicas e danças, individuais e coletivas, enfatizando diferentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de vivência de diferentes manifestações rítmicas e danças (frevo, maracatu, samba, hip hop, street, jazz, dança de salão, percussão corporal etc.), evidenciando as capacidades físicas e habilidades motoras envolvidas.</li> <li>◦ Rodas de conversa sobre facilidades e dificuldades com relação às danças envolvendo diferentes habilidades e capacidades.</li> <li>◦ Situações de observação de modelos, ou seja, de bons praticantes dos diferentes estilos, ampliando a visão sobre possibilidades dentro de um universo gestual.</li> </ul>	<p><u>Algumas propostas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação, registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno procede nas diferentes situações de práticas da cultura corporal (se participa ativamente, consegue participar das atividades com o grupo, nível de satisfação em participar, envolve-se com as propostas, etc.);</li> <li>- da evolução na capacidade de comparar e identificar suas</li> </ul> </li> </ul>

	<p>capacidades e habilidades.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Disponibilidade para definir metas pessoais como forma de ajustar e regular os desafios da prática.</li> <li>◦ Adequação da prática das atividades rítmicas e danças ao grupo, favorecendo a participação de todos e considerando a diversidade de capacidades físicas e habilidades motoras presentes no grupo.</li> <li>◦ Disponibilidade para refletir sobre os efeitos e benefícios das diferentes práticas, relacionando suas características pessoais e necessidades às capacidades e habilidades envolvidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Situações de criação, adaptação e participação em atividades rítmicas, partindo dos modelos observados e relacionando às habilidades e capacidades que desenvolvem pela prática.</li> <li>◦ Construção de instrumentos (fichas de controle) apontando metas pessoais e desafios a serem alcançados.</li> <li>◦ Eleição de uma das práticas para uma construção coletiva (uma apresentação de percussão corporal, uma coreografia, uma dramatização musical etc.), considerando a diversidade de capacidades físicas e habilidades motoras presentes no grupo.</li> </ul> <p><u>Observação:</u></p> <p>Nessa proposta, trata-se de oferecer oportunidades para que os alunos possam se inserir no trabalho coletivo a partir das suas capacidades e habilidades. No entanto, essas escolhas são fruto de uma autoavaliação e reflexão permanente sobre como evoluir e lidar positivamente com as dificuldades.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Rodas de conversa enfatizando como os alunos perceberam os efeitos das diferentes práticas, relacionando suas características pessoais e necessidades às capacidades físicas e habilidades motoras trabalhadas.</li> </ul>	<p>habilidades e dificuldades durante a prática;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- das propostas do aluno na construção coletiva;</li> <li>- da evolução do aluno com relação à percepção da diversidade presente na sua sala e adequação das práticas ao grupo;</li> <li>- da compreensão dos conceitos de capacidades físicas e habilidades motoras relacionados às manifestações rítmicas;</li> <li>- da capacidade de identificar suas dificuldades e estabelecer metas;</li> <li>- da evolução da capacidade de registrar a evolução nas fichas analisando o trabalho realizado.</li> </ul>
<p>Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promoção de atividades corporais e de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano e um direito do cidadão, em busca de uma melhor qualidade de vida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Conceito de lazer, atividade física e esporte de participação.</li> <li>◦ Participação em modalidades individuais e coletivas adotando uma atitude de pesquisa sobre melhores condições de prática.</li> <li>◦ Ampliação do conhecimento sobre diferentes modalidades relacionadas ao lazer, das necessidades de espaços e matérias e possibilidades de adaptação.</li> <li>◦ Ampliação do conhecimento sobre os espaços existentes no entorno da escola, possíveis e ou viáveis para a prática de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Pesquisa e debate sobre o conceito de atividade física e lazer como direito.</li> <li>◦ Entrevista com a comunidade escolar sobre os desejos e necessidades de espaços voltados para o lazer e a prática de atividade física.</li> <li>◦ Entrevista com a comunidade do entorno escolar sobre os espaços existentes para a prática de atividades físicas e de lazer, bem como sobre os desejos e necessidades dessa comunidade.</li> <li>◦ Confecção de uma lista de práticas possíveis a partir da intervenção para adaptação do espaço interno e externo da escola.</li> </ul>	<p>Algumas propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Observação registro e análise: <ul style="list-style-type: none"> <li>- do envolvimento com o processo de pesquisa sobre o tema proposto;</li> <li>- da compreensão da relação entre lazer e atividade física como direito;</li> <li>- do envolvimento com as pesquisas junto à comunidade e transformação dos resultados em informações úteis ao</li> </ul> </li> </ul>

	<p>atividade física e de lazer.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Conceitos e procedimentos relacionados à organização de eventos e campeonatos dentro dos princípios de participação de todos.</li> <li>◦ Disponibilidade para reivindicar melhores condições para a prática de atividades físicas e de lazer enquanto direito do cidadão.</li> <li>◦ Valorização do conhecimento sobre diferentes modalidades da cultura corporal para adaptar espaços e materiais que viabilizem sua prática enquanto lazer.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◦ Vivência dessas práticas avaliando as adaptações quanto à motivação e caracterização das atividades.</li> <li>◦ Situações de construção e adaptação de espaços e materiais para a popularização de algumas práticas, por exemplo: postes moveis de vôlei adaptados sobre pneus com cimento, que possibilitem a prática em pequenos espaços, marcação de uma pista de caminhada no canteiro central de uma avenida ou ao redor de uma praça etc.</li> <li>◦ Organização de eventos para a comunidade escolar interna e externa a partir da adaptação de espaços e materiais.</li> <li>◦ Rodas de conversa sobre a adequação dos espaços e matérias para a prática das atividades (motivação e interesse).</li> <li>◦ Elaboração de um documento, mediado pelo professor, a ser enviado à direção da escola, câmara dos vereadores, prefeitura etc., reivindicando melhores condições de prática a partir da adaptação dos espaços identificados como possíveis, apoiado nas reivindicações da comunidade.</li> </ul>	<p>planejamento de reivindicações e ou intervenções;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- de como o aluno participa e se envolve nas atividades de construção e adaptação dos materiais e espaços.</li> <li>- de como o aluno se envolve na prática das atividades bem como na avaliação da qualidade das adaptações;</li> <li>- da evolução da capacidade de organizar eventos e torneios;</li> <li>- da evolução na argumentação sobre o direito de acesso ao lazer e atividade física.</li> </ul>
--	---	--	--

## Sugestões de materiais de apoio

### SITES PARA PESQUISA

<http://www.pdf-search-engine.com/jogos-cooperativos-exemplos-pdf.html> - Jogos cooperativos

<http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm> - Cultura corporal (Prof Mauro Betti)

<http://www.sobresites.com/educacaofisica/esportes.htm> (jogos e esportes)

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/futsal/historia-do-futsal.php> - história e regras de vários esportes

<http://cev.org.br/biblioteca/as-relacoes-entre-trabalho-lazer-recreacao-educacao-fisica> - recreação e lazer

<http://jaimecohen.sites.uol.com.br/Corrida/planilha.html> - Exemplo de planilha para treinamento de corrida

<http://www.copacabamarunners.net/caminho1.html> - Exemplo de site de corredores

Sites oficiais das Federações e Confederações esportivas - história e regras dos esportes (futsal, vôlei, handebol, futebol, etc)

<http://www.cdof.com.br/testes12.htm>. Site com links para diversos assuntos relacionados a educação física, esporte, condicionamento físico, fitness.

[www.esporteeducacao.org.br](http://www.esporteeducacao.org.br) - Este site disponibiliza vídeos para reflexão dos professores sobre o esporte educacional que poderá ser utilizado também com os alunos, para que os princípios do esporte educacional orientem a criação dos jogos.

### LIVROS

Bases Fisiológicas da Educação Física e dos Desportos - Fox, Bower e Foss - Guanabara Koogan

Treinamento Ideal - Jürgen Weineck - Ed Manole

Exercícios na Saúde e na Doença - Pollock e Wilmore - MEDSI

Controle de Peso Corporal - Dartagnan Pinto Guedes e Joana Elisabete Pinto Guedes - Ed Midiograf

PCN's Educação Física - Conceito de diversidade e conceito de inclusão.

Lazer, recreação e educação física - [Christianne Luce Gomes](#), [Hélder Ferreira Isayama](#) (Orgs.) - Editora:Autêntica

Jogos Educativos: Estrutura e organização da prática- A. Rossetto, A Arigó, C. M. Costa, F. D'Angelo , São Paulo: Phorte Editora, 2005. Conceito sobre esporte educacional, princípios do bom jogo.



# Bibliografia

## INTRODUÇÃO

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais - Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MAKARENKO, Anton. Poema pedagógico. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

RIBEIRO, Vera M. (org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global / Instituto Paulo Montenegro / Ação Educativa, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ACRE e SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO BRANCO. Caderno 1 - Orientações para o Ensino de Língua Portuguesa e Matemática no Ciclo Inicial. Rio Branco, 2008.

SECRETARIA DE LA EDUCACIÓN DEL GOBIERNO DE LA CIUDAD DE BUENOS AIRES. Diseño Curricular para la Escuela Primaria de la Ciudad de Buenos Aires. Buenos Aires, 2004.

ZABALA, Antoni. A prática educativa - como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## EDUCAÇÃO FÍSICA

BETTI, M. Janela de vidro: Educação Física e esportes. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 16, n. 3, 1992.

\_\_\_\_\_. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

COLL, C. Psicologia e currículo. São Paulo: Ática, 1996.

CASTELLANI FILHO, L. Considerações acerca do conhecimento (re)conhecido pela Educação Física escolar. Revista Paulista de Educação Física, supl. n. 1, 1995.

CLARO, E. Método dança. Educação Física: uma reflexão sobre consciência corporal e profissional. São Paulo: Robe, 1995.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DE MASI, D; BETTO, F. Diálogos criativos, Rio de Janeiro: Sextante, 2008

FREIRE, J. B. De corpo e alma. São Paulo: Summus, 1991.

\_\_\_\_\_. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. O jogo: entre o riso e o choro. Campinas, SP: Autores associados, 2002.

GALLAHUE, D. L., OZUMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

GIMENO, S. J. El currículo: una reflexión sobre la práctica. Madrid: Morata, 1988.

GOÑI, A. M. R.; GONZÁLES, A. El niño y el juego. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

HERNANDES, F. A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KAMII, C.; DEVRIES, R. Jogos em grupo. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. (coords.). Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

MEDINA, J. P. S. A Educação Física cuida do corpo etc. e mente. Campinas: Papyrus, 1983.

MOREIRA, W. W. Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papyrus, 1992.

PEREIRA, M. Z.; GONÇALVES, M. P.; CARVALHO, M. E. Currículo e contemporaneidade: questões emergentes. Campinas, SP: Alínea, 2004.

PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ROSSETTO, A. J. Jr.; ARDIGÓ, A. Jr.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. - Jogos Educativos: Estrutura e organização da prática. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

ROSSETTO, A. J. Jr.; ARDIGÓ, A. Jr.; COSTA, C. M.; D'ANGELO, F. - Práticas Pedagógicas Reflexivas em Esporte Educacional: unidade didática como instrumento de ensino e aprendizagem São Paulo: Phorte Editora, 2009

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, supl. n. 2, 1996.

TANI; MANOEL; KOKOBUN; PROENÇA. Educação Física escolar. São Paulo: Edusp/EPU, 1988.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

WINNICOTT, D. W. Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Art Med, 1998.